

Faculdade de Ciências Médicas

HISTÓRIAS

DA TURMA DE

1973



Editora FCM UERJ





Copyright © 2023

Faculdade de Ciências Médicas
Histórias da turma de 1973

Francisco Barbosa Neto
Marília de Brito Gomes
Mario Roberto Dal Poz
Raji Resek Ajub
Renato Brito de Alencastro Graça
Suzana Lea Bittencourt

Organizadores

Preparação de originais:

Ana Silvia Gesteira

Diagramação, projeto gráfico e capa:

Diniz Gomes

Francisco Barbosa Neto
Marília de Brito Gomes
Mario Roberto Dal Poz
Raji Resek Ajub
Renato Brito de Alencastro Graça
Suzana Lea Bittencourt

Organizadores

Faculdade de Ciências Médicas

HISTÓRIAS DA TURMA DE 1973



Rio de Janeiro
2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CB/A

F143 Faculdade de Ciências Médicas: histórias da turma de 1973 / organizadores: Francisco Barbosa Neto...[et al]. – Rio de Janeiro: FCM – UERJ, 2023
1 recurso online (137 p); il.

Livro digital em formato PDF.

ISBN 978-65-996880-3-4.

Demais organizadores: Marília de Brito Gomes, Mario Roberto Dal Poz, Raji Resek Ajub, Renato Brito de Alencastro Graça, Suzana Lea Bittencourt.

1. Faculdades de medicina - História. 2. Instituições acadêmicas - História. I. Dal Poz, Mario Roberto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Ciências Médicas.

CDU 378.096:61

■ SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
Os organizadores	
ORAÇÃO DO PARANINFO	9
Ítalo Suassuna	
MENSAGEM DOS DOUTORANDOS DE 1973	26
Raji Rezek Ajub	
HISTÓRIAS	
O meu caminho	44
O ano que não terminou	47
Minhas memórias	50
Fragmentos de minha história na FCM	59
A turma dos nerds	69
Lembranças e afetos	75
Um pouquinho da minha história	81
Crônicas do cinquentenário	90
Um conto de Páscoa	93
Anos rebeldes	96
Uma tribo chamada Comfodi	100
Rasuras e costuras de uma época da minha vida	105
LISTA DE FORMANDOS	109
GALERIA DE FOTOS	115



■ APRESENTAÇÃO

Francisco Barbosa Neto
Marília de Brito Gomes
Mario Roberto Dal Poz
Raji Resek Ajub
Renato Brito de Alencastro Graça
Suzana Lea Bittencourt
Organizadores

Como parte das celebrações de nossas bodas de ouro de formatura, resolvemos organizar um livro que pudesse nos ajudar a lembrar os laços afetivos que ainda temos com a instituição que nos formou e o legado que ela deixou em nossas vidas.

A ideia é que este livro conteria histórias sobre nossa relação com a FCM, mas também fatos pitorescos, fatos ou histórias sobre o movimento estudantil ou ainda personalidades que tiveram influência sobre a turma. E, ainda, representasse uma forma de homenagear nossos colegas que não estão mais entre nós, mas cujas lembranças os anos não apagaram.

Os textos que compõem este pequeno livro foram produzidos por colegas, que contam, cada um à sua maneira, fatos marcantes na vivência como aluno e – em vários casos – como docente da FCM ou da UERJ.

Por timidez ou qualquer outra razão, foram poucos os colegas que se “arriscaram” a contar suas histórias. E sabemos que são muitas as histórias que nos cercaram durante toda a graduação e que foram repetidas, como ocorreram ou com o acréscimo do contador, durante nossos encontros até agora.

Mesmo assim, decidimos publicar o livro, como primeira edição, na expectativa de que sirva de incentivo aos demais colegas para compartilharem suas lembranças, encontros ou curiosidades sobre nosso convívio desde 1968.

Foram reunidas também algumas imagens, que nos lembram desse período e uma galeria com fotos dos colegas que nos deixaram. Incluímos, ainda, o discurso de nosso paraninfo, o Prof. Ítalo Suassuna (“Oração de Paraninfo”), assim como o do orador da turma, Raji Rezek Ajub (“Mensagem dos Doutorandos de 1973”).

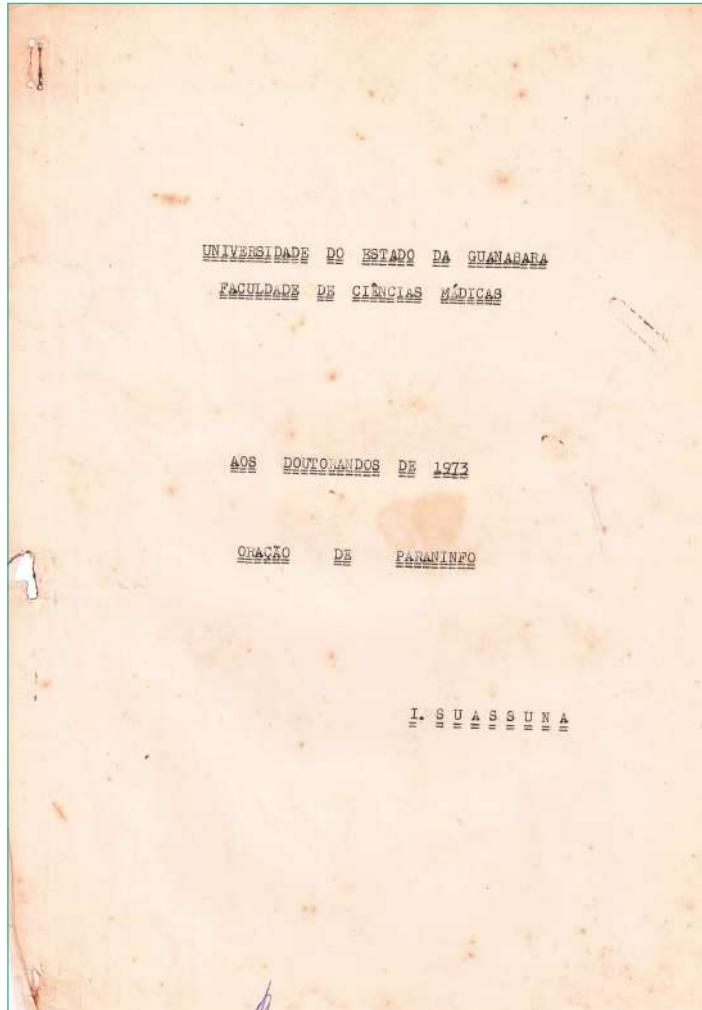
Nossos agradecimentos a todos os que colaboraram para que este livro fosse produzido, em especial ao atual diretor da FCM-UERJ, Mario Fritsch.

Esperamos que as histórias aqui contadas e as fotos tragam boas recordações.



ORAÇÃO DO PARANINFO

■ ÍTALO SUASSUNA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA GUANABARA

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS

Magnífico Reitor da U.E.G., Professor Oscar Accioly Tenório
Excelentíssimas e Digníssimas Autoridades
Senhores pais, conjuges, e irmãos presentes
Senhoras e Senhores
Caros colegas,

São muito difíceis de dizer e de transmitir essas coisas de sensibilidade. Mas este é um momento de festa. Uma festa de corações. Há reencontros e evocação; há partida e amena celebração de porvir auspicioso. Na sensibilidade que vibra nesta hora jorram emoções apenas pressentidas que se bastam como sentimento, incapazes de desbordarem em palavras lindas, mas que refletem as estrelas nos olhos cheios d'agua, com saudades do céu.

Foi talvez no começo um mero anseio de corações meninos, que se cristalizou na vontade de ser médico, distribuindo-se por tantas cidades desse país gigante e moreno. Cidades brancas e campanário nas serras, impondo paz e oração. Cidades sertanejas escondidas e encabuladas em sua tenue iluminação do entardecer, compensando a luz diurna e escandalosa que desnudava o corpo casto de seu casario. Cidades a beira-mar, de praias virgens em franja branca atendendo ao amoroso aceno de palmas dos coqueirais.

Cidades grandes, cidades tumulto e sufocação, na agitação cíclica de suas horas de trabalho, de mil passos por mil caminhos apressados.

Há ainda os que vieram de campos e que relembram como iluminados, a renda do sol e sombra das florestas, a tristeza solene das samambaias, sugerindo o pranto dos regatos, a alacre claridade das campinas e a música opulenta e calma dos rebanhos.

Quizestes ser médico, chegastes. O que sentistes diariamente em vossas vidas, no nosso cotidiano triste ou banal, alegre ou prosaico, foi aquela vontade incógnita de afirmação, o imenso desejo de um novo caminho e de uma nova busca ante a asfixia da dor humana com que vos associastes. E amadurecestes a amizade como um reajuste e a consciência social como nova medida. Em um reexame provisório aprendestes a alternativa complementadora dos conceitos felizes como uma necessidade evolutiva, e junto ao amor entendestes a reciprocidade, junto à paz, a tolerância, junto à liberdade, a responsabilidade, junto à sinceridade, a convivência.

Amadurecestes na dor. Vistes abnegação e pusilanimidade, heroísmo e covardia, indiferença e dedicação, e aprendestes em tudo a força trágica da vida sobrepondo-se à humana contingência e limitações.

Entendestes vossos pais. Suas satisfações, seu papel de educadores, mais recatada e íntima que a de professores. Estão todos eles aqui presentes, vivos ou mortos, sábios ou simples, fortes ou humildes, prosternados ante a nova dimensão que seus olhos de maravilha em

3.

prestam hoje à sua criação. Comovidos, não necessitam e não têm o grito de Miguel Ângelo, porque apenas pedem o beijo e o abraço filial. Aos vossos professores entendestes como artezões, hábeis, às vezes, em emparelhar o brilho à madeira nua, e em retirar a forma da pedra tosca. Mas em vossos pais identificastes os lenhadores anônimos que zelaram a madeira, que enterraram as sementes na longa e sperança hoje justificada, de que plantavam florestas.

Quizestes ser médicos e no belo triste e terno ano dos leitos de pacientes, com quem aprendestes a curar, presenciastes a inarredável solidão do homem. Do nascimento à morte seguistes a dor, a dor que para cada um de nós nos vem sozinha, que não se dá, que não se partilha, que não se entrega. Que permanece fiel àquele a quem ela escolheu e que por isso, se alguma coisa marca, define e individualiza o homem, de um modo todo próprio, são os momentos pelos quais ele sofreu. E presenciastes na carne em dor e na alma em pranto brotar o amor e a poesia, de todas as noites mal-dormidas das mães que um dia sofreram por seus filhos, das carícias de todos os pais e da ternura de todos os irmãos, dos desejos de inocência, que ainda possuímos quando nos inclinamos sobre toda a pureza, que cada homem teve um dia com os olhos límpidos da infância. E destes amor, e confiança no nosso destino. Adverte-nos, todavia, a voz de um poeta (e sempre citarei os poetas pela sua lídima e eterna intuição da alma coletiva. "o amor mesmo é apenas solidão, as obras de arte são de uma solidão infinita e nós somos essencialmente sós".

4.

Ides partir, mas não terminastes e não ides a novo começo com uma sugestão de distancia e de ausência, como num horizonte sem nuvens, porque entendestes que a finalidade da cultura, ou melhor da civilização, é a capacidade de amar lucidamente. De procurar e perceber nos homens o que existe de coletivamente belo, para esquecer e perdoar o que parece individualmente mau. Costaria de vos provar, pelo que venha a dizer a seguir, que essa procura e essa percepção podem vir a ser a chave biológica de todo o reencontro no mundo tumultuado da minha e da vossa geração. Como o alvo lírio que brotará no local daçal conspurcado. Os animais pacíficos, como os herbívoros, são gregários. Os de presa, vivem mais isolados. A tendência ao convívio e o desejo das massas na civilização não será um índice de uma mudança futura do caráter humano? Os distúrbios atuais não serão ainda uma falta de adaptação a essa nova sociedade gregária. Ainda um instinto de tigre imperando num rebanho de gazelas?

Aprendestes a curar, e generosamente, hoje, aqui presentes, agradecestes a instrução recebida. No entanto, manifesta-se Bertrand Russel, sobre que há naturalmente que ser feito um argumento para mostrar que a instrução pode opor-se à verdade. Para Whitehead educar não é instruir, é ensinar a pensar. Mas, para Bernard Shaw, a lição que um autor quer ensinar quase nunca é a mesma que o público extrai do seu livro. Por isso, pelo mesmo caminho Russel volta a distinguir: "Instruir, isto é, edificar com argumentos especiosos, garantidos pela polícia, tende a preservar uma sociedade estabilizada", o

5.

que sem dúvida, não mais se aplica à situação generalizada da sociedade humana. Mas, ainda Russel afirma "não chegarei a sustentar que pensar nunca tenha tido maus efeitos, mas onde teve tais efeitos, foi porque suas lições foram aprendidas apenas pela metade".

Em atenção à preocupação que tivestes com o ensino, devo declarar, que a função primária do professor não será instruir, mas ensinar a pensar e a defrontar experiências. Esta, de fato não se transmite, mas o professor tem o dever de sugerir premissas, sem interferir nas conclusões. É no melhor sentido do seu desempenho, que ele trará idéias e sugestões, que ficam como que engatilhadas em gestação subconsciente, como uma força viva de expressão, a ser fecundada pelo espírito jovem para explodir como forma mais do aluno, em justa oportunidade.

Por tanto, não acredito que se possa transmitir o valor absoluto das idéias, o que, em termos evolutivos tem sido o equívoco de alguns sistemas educacionais, nas duas áreas principais em que politicamente se dividiu o mundo. Quando a Ciência atual estabelece o homem-meio ou a espécie-ambiente como a unidade dinâmica em sociologia ou biologia afirmando assim o primado da ecologia em todo o pensamento médico-biológico moderno, da mesma maneira, ao nível educacional é necessário estabelecer a equação indivíduo-experiência, o que nos apraz, no sentido biológico por sermos o mais extenso país tropical do mundo; no sentido econômico pelo nosso enorme potencial inexplorado; no sentido político, por sermos a mais populosa nação herdeira de tradições latinas e; no sentido humanístico por sermos

Ao que acredito, a experiência deve atuar de maneira bem mais intensa na aceitação das idéias; por seleção darwinista, contrapondo-se ao valor emprestado pela maneira dos interesses individuais ou pelo tamiz de místicas momentâneas, em favor do interesse dos mecanismos evolutivos da nação e da espécie.

Isto embora pareça distante está na própria raiz da metodologia científica e da ciência sobre a qual dialogamos enquanto eróis estudantes. Leewenhoek, que a iniciou nos disse "Minha vontade é não ficar teimosamente com as minhas idéias, mas abandoná-las e abraçar outras tão depressa eu sinta razões plausíveis para aceitá-las". Essas razões plausíveis são delineadas em seu significado evolutivo por Pasteur "a característica de uma teoria errônea é a permanente impossibilidade de chegar a ver fatos; quando tal fato é descoberto, essas teorias precisam o aperto de novas hipóteses para admiti-lo. As teorias verdadeiras, ao contrário, são a expressão dos fatos presentes e são caracterizadas pela capacidade de predizer novos fatos, uma sequência natural daqueles já sabidos. Em suma: a característica de uma verdadeira teoria é a sua fecundidade".

No campo da Antropologia, Margaret Mond, com toda essa linha de pensamento "Creio que tudo o que sabemos até o momento acerca de evolução humana, sugere que a capacidade do homem para escolher, para dizer que um caminho é correto e outro não, é um aspecto essencial da natureza humana e de sua participação no processo de evolução". E nos anuncia:

"Isto não significa que se tenha que expressá-lo em termos religiosos. Poder-se-ia expressar em termos biológicos". O que necessitamos é inventar instituições que possam

incorporar a modificação ao sistema educacional."

Em realidade, isto pode exigir modificação tão intensa e transformação tão profunda como se um escultor em pedra passasse a cultivar jardins porque reconhecesse que na fragilidade de cada flor, mas na certeza da continuidade de novas flores que surgem, revela-se o milagre oculto de perene beleza e de íntima verdade que podem ultrapassar o brilho estático e milenar das pedras. Isto pode ser tido como uma utopia, mas as utopias são necessárias ao homem para retemperar e reconduzir a alma, em horas de desesperança ou de desamor, vez que " Formou pois o Senhor Deus ao homem do barro da terra, e inspirou no seu rosto um sopro de vida, e foi feito o homem em alma vivente " (Genesis).

Dramaticamente, Pasteur revelou este anseio da alma vivente, em que se apoia todo o sentimento religioso, dissociando-o do conhecimento científico, insuficiente para contornar o sentido de "coisas" sem destino em que nos podemos transformar.

"Não é para ser interpretado que, nas minhas crenças e na conduta de minha vida, eu só tomo em consideração a ciência adquirida; eu não o poderia fazer, pois teria que arrancar uma parte de mim mesmo. Há dois homens em cada um de nós, o cientista, o que começa com um campo definido e deseja elevar-se no conhecimento da Natureza através da observação, da experimentação e do raciocínio, e o homem de sentimento, o homem de fé, o homem que chora sobre seu filho morto e que não pode, alas, provar a si mesmo que o verá outra vez, mas que ainda assim acredita que o fará, e vive nesta esperança, o homem que não morrerá como um vibrio, e

que sente que a força que transporta em si, não pode morrer".

Ainda são anseios, mas já não são utopias as queixas emitidas pelos homens os mais diversos, nas mais diversas posições, traduzindo o peso e o plasma de doridas vidas humanas, na recusa de serem apenas terra e pó.

Na descrição de seu delírio esquizofrenico era como "coisa" que a si mesmo se identificava. Barbara O'Brien, manipulada e dominada pelo que ela, ainda delirante, chamou os "operadores-gancho" de uma sociedade intoxicada pelo sucesso, no prego da amoralidade e de compulsões competitivas. É a mensagem poetica que lança um brado de angustia contra esta "coisificação" do espirito humano (Simão Goldman):

Correr, correr, correr

Atrás de uma recompensa pré-fabricada

Sem tempo para pensar

Sem tempo para se situar

Neste universo dos universos infinitos

Um homem só

Sem tempo de parar

Só tempo para correr

.....

Correr, correr, correr

Fazer parte da coisificação humana

Na natureza que se transformou

Num amontoado de alavancas, pregos e parafusos

Onde não há lugar para a flor.

É a voz melancólica de um homem comum, um operário sueco, num depoimento ao reporter Carlos Lacerda: "O mundo está cheio de gente. Mas muito poucas pessoas".

Descendente direto de Pasteur, na ciência que cultiva, no espírito, e na preocupação ética e social Rene Dubos, examina e confirma a veracidade desses depoimentos, como problemas médicos:

"A poluição ambiental, o aumento dos estímulos sensoriais, especialmente dos níveis de ruído, a erosão progressiva dos serviços públicos, a perda da intimidade pessoal, e o aumento da arregimentação social são apenas alguns dos aspectos inquietantes da vida moderna que se originam da tecnologia ou, no mínimo, da sua má aplicação."

"Outra causa de ansiedade é o fato de que o conhecimento científico enfraqueceu ou destruiu os valores tradicionais dentro dos quais o homem funcionava no passado, mas não lhe deu um novo sistema ético que servisse de substituto. O conhecimento libertou o homem de muitos erros grosseiros, mas não lhe deu crenças que acrescentassem à existência material, um espírito jovial. Já se disse que a ciência dá ao homem tudo para viver, mas nada por que viver".

É presentemente palpável a repulsa à condição de homem-coisa desta era tecnológica. Parece que a mesma força impulsionadora, a mesma atração do homem para o desconhecido, que o impela para o conhecimento científico, regozeliza-se por sua insatisfação, para valores ou conceitos confusos ou rebuscados. Valoriza-se o sobrenatural em detrimento do natural, o exótico em detrimento do comum.

místicas momentaneas em substituição aos eternos valores do bem comum. Há mais místicas sobre o relacionamento social, familiar ou sexual, que sobre a vida amável, amante amorosa, amada.

Em um outro ensaio sobre biologia em que relaciona "Homem, Medicina e Ambiente", Dubos aponta que o homem nasce em estado de extrema dependência e o fato é especialmente importante em termos biológicos porque expõe o recém-nascido à influência socializadora da mãe e do grupo, precisamente durante o seu período de máxima plasticidade. Informa que o comportamento aprendido é de grande importância na socialização das espécies animais superiores, especialmente as dos primatas onde substitui os mecanismos instintivos automáticos. Atinge o seu sentido mais completo no desenvolvimento social do homem. No plano biológico, só este último aspecto parece distinguir a espécie humana das outras espécies animais.

Prossegue Dubos analisando que "os organismos vivos diferem da matéria inanimada na medida em que a sua história total determina o seu desenvolvimento e suas respostas. A vida é histórica. Além disso, cada ser cria mais história na medida em que se desloca em seu ambiente, responde a ele e é irreversivelmente alterado pelo mesmo". Em relação ao homem Dubos procura demonstrar apoio na Antropologia e na Paleontologia que em uma última etapa da evolução do homem, os mecanismos sociais começaram a competir com os mecanismos genéticos, na transformação da vida, dando ênfase, como o faz Julian Huxley em apoio a Teilhard de Chardin, na capacidade do homem social para le

forças seletivas naturais a obter, a partir daí, o poder de governar a sua própria evolução. E analisando as evidências biológicas tem ainda o cuidado de apontar que nessas circunstâncias, em todas as estruturas das sociedades humanas, desde as mais primitivas e onde foram mais evidentes os processos evolutivos, sempre o indivíduo foi mantido como a unidade, e valorizado!" Ao menos em parte, a História seria o resultado de forças postas em movimento pelos atributos genéticos particulares de alguns indivíduos que indicaram uma direção à coletividade."

A singularidade genética manifesta-se por diferenças de respostas, e, em consequência, por singularidades no desenvolvimento físico e mental. Cada um de nós vive, de qualquer maneira, em um mundo que lhe é próprio. Identificar-se-ia aqui o determinismo biológico de nossa irremediável solidão ?

Todo homem absorve assim o Universo para depois projetá-lo revestido de suas características pessoais: o mundo em que ele crê e a sua maneira de interpretar dirá destas suas características. É por isso que o castigo dos mentirosos, não está em serem surpreendidos, mas em não poderem acreditar em ninguém. É por isso, que o invejoso só tem desamor. É por isso que, em uma democracia, não são os ídolos que matam mas os pedestais. É por isso, que não se vê a esperança na visão míope do homem mediocre. É por isso, o aforisma de Pascal: " É perigoso fazer ver demasiadamente ao homem a que ponto é ele semelhante às bestas, sem lhe mostrar a sua grandeza. É ainda perigoso fazer-lhe ver demais a sua grandeza, sem a sua baixeza. E ainda mais perigoso é deixá-lo na ignorância de uma e de outra."

Devemos ainda a Dubos a referência ao livro que em 1575 foi escrito por Louis Le Roy: " Sobre a Vicissitude ou a Variedade das coisas no Universo, e Correspondência das Armas e das Letras pelas Principais e mais Ilustres Nações do Mundo, desde o Tempo em que começou a Civilização e Memória Humana até o Presente ".

" A invenção da bússola havia permitido a descoberta de terras além dos oceanos conhecidos pelos antigos e tornara próximas regiões distantes." A sífilis fora importada das Américas e " a incidência da infecção venérea foi agravada pelo relaxamento geral dos costumes sexuais e pelos movimentos em massa dos exércitos e populações no começo do século XVI."

" A invenção da imprensa colocara as novas informações e idéias ao alcance geral numa extensão e num ritmo com que não se havia sequer sonhado em qualquer época anterior".

" Entretanto, a comunicação mais fácil do conhecimento tinha gerado confusão no público e precipitava crises intelectuais entre os eruditos atônitos. As velhas lealdades que tinham até então mantido a ordem social se desmoronavam ante o impacto do novo esclarecimento, da liberdade intelectual, e, especialmente, das guerras religiosas".

" Numa demonstração de consciência econômica, rara entre os humanistas de seu tempo, Le Roy notou até o aumento de preços que estava ocorrendo através da Europa durante o século XVI."

" Em desespero diante do seu tempo exclamou ele: há muito tempo não há tanta maldade no mundo, tanta pie

Vimos assim, recuados de séculos, desde o Renascimento, descrevendo o desenvolvimento tecnológico e suas consequências, que aparentemente modificam e deturpam os símbolos, os termos, as palavras-chaves da Razão. Muitos assinalaram que isto vem sucedendo porque o entusiasmo humano, o do povo, o da massa, revela-se incontrolável, como uma explosão. Desercando da Razão, curva-se a humanidade ao fanatismo, à mística do poder, à escravidão por seus máqui- nas. Reduz-se o tempo em que a meditação deve ser temperada pelo trabalho ou em que a ação deve dignificar-se pela orientação do espírito. Entre um e outro extremo, não mais se encontra a medida certa e há a agonia do pensamento dos poetas, considerados inconsequentes, em favor do mundo fragmentário dos guerreiros e dos chamados homens de ação.

Um dia, no entanto, um ou outro desses homens, por seus próprios méritos, estaca, e volta-se nostálgico para o homem simples, para o homem natural. Uma nova ternura o penetra, e ele foge das fórmulas, do prazer ou da satisfação que sejam estranhas a outros homens. Ele volta a se encontrar na volúpia renascida, de sentir, raciocinar, agir e amar como em sua humanidade.

Isto é o que vos desejo, diante dos nossos tempos, e para o desafio dos graves problemas com os quais se defronta a nossa medicina.

" A engenharia genética, a eugenesia, e a eutanásia o controle da conduta humana através de milhares de métodos; e as formas de morrer aceitas pela cultura " (Kenneth Vaux)

14

O desafio está feito e " as esperanças já são muitas com a conscientização que se processa no sentido de que os cientistas terão que transferir os pensamentos e a perícia, dos problemas que atualmente lhe interessam para outros de maior significação social ".

Há mais esperanças pelo que " parece haver um autêntico interesse da parte de muitos cientistas e técnicos para analisar as dimensões éticas de suas investigações, para comprometer-se, antes que afastar-se dos resultados práticos do seu trabalho e de preocupar-se pelas suas implicações sociais.

"É provável, entretanto, que muitos de nós passemos a reformular nosso conhecimento profissional em termos que tenham sentido para os que não são especialistas. O problema importante é, por conseguinte, não o desenvolvimento de mecanismos mais rápidos e precisos de comunicação de massa, mas a aprendizagem de como o homem (cientista ou não) pode falar diretamente ao homem acerca de vivências que ele pode compartilhar com muitos seres humanos."

Todas essas sentenças, são minhas apenas por comunhão. Pertencem a médicos, professores e cientistas. Ressurge nos Estados Unidos a demanda médica e social do clínico geral e do clínico de família, como o médico que orienta, aperfeiçoa e ensina seus pacientes. E as escolas médicas estudam uma total reformulação dos currículos para esse propósito. Haverá embates e talvez até retrocessos. Tão recente a discussão do médico geral nos Estados Unidos, é, no nosso país, lamentavelmente, divulgada uma opinião de que o bem estar social, como incluída na defini

15.
 ção de saúde da O.M.S., não cai no campo do interesse médico, pois seria o mesmo que afirmar que o médico é responsável pela felicidade humana. Que não o seja, pois como vimos a felicidade é individual, mas que jamais se excuse, e que em realidade se comprometa com ela, como o objetivo final de nossa profissão, é o que vos desejo. Que se comprometa o médico em aliviar tanto a dor física como a dor moral, como contrastante e afortunadamente, advoga um outro colega médico no nosso país.

Para acontecer o que vos desejo, como o fez John F. Kennedy, nesta hora nos perguntaremos, mais sobre o que podemos dar do que receber. Avaliaremos antes o nosso dever de amar do que o nosso direito a ser amados. E se nisso vós vos distinguides e exponenciardes será porque a vossa vida vos treinou e educou através o determinismo biológico que há nela, para serem homens totais, sem hipertrofia mental em nenhum sentido, para aquela condição ideal de equilíbrio que não raquitiza e não mata o órgão esquecido. Que volteis a desenvolver o coração que cérebro asfixiava.

Já vos falei sobre ser muito difícil de dizer sobre essas coisas de sensibilidade. Todas as palavras que eu vos dissesse agora seriam inúteis como as coisas feitas pelo homem para momentos que não lhe pertencem, se vós não me tivésseis aberto a porta da vossa generosidade. Por ela atingi o título de maior valor no anonimato de minha carreira universitária, e o que mais me comoveu. Por isso consigo intuir uma expressão poética que modifica a minha vida e o meu mundo. Eu absorvo de quem expressou e repito, em relação a meu mundo, a cada um de vós, individualmente: "A vida ficou mais bela, ainda que inutilmente, quando por ela passou teu coração".



**MENSAGEM DOS
DOUTORANDOS DE 1973**

■ RAJI REZEK AJUB

Este trabalho, desde as suas primeiras origens, somente existe como um esforço para expressar o pensamento dos doutorandos de 1973. A eles todos, pois, e a cada um deles, é dedicado.

*O presente seria cheio de todos os futuros,
se já o passado não projetasse nele uma história.*
André Gide – *Os frutos da terra*

Vê mais longe a gaivota que voa mais alto.
Richard Bach – *Fernão Capelo Gaivota*

- Magnífico reitor da UEG, Prof. Oscar Accioly Tenório.
- Prof. Dr. João Cardoso de Castro, ilustre diretor do Centro Biomédico das UEG e homenageado especial.
- Dr. Osvaldo Corrêa DE Araújo, ilustre diretor do HC – FCM.
- Prof. Dr. Ítalo Suassuna, dileto paraninfo da turma de 1973.
- Autoridades presentes. Caros mestres aqui homenageados. Pais e esposas dos formandos.
- Funcionários da Faculdade e do H. de C. aqui representados na homenagem administrativa.
- Companheiros
- Senhoras e senhores

Introdução

Se fosse possível realizar uma antiga aspiração da criatura humana, fazendo parar o tempo nos grandes momentos, os doutorandos de 73 iriam converter em perene reunião de corpos e de ideais o seu imenso futuro. Ao homem, no entanto, não lhe sendo dado interromper a dança das horas, sobra outro caminho, tanto mais sólido quanto mais sublime: extrair a substância do acontecimento, edificar sobre ela as diretrizes de uma nova jornada, e ser fiel a esse propósito pela vida afora. Assim, o correr dos anos e dos lustros não será mais que a límpida sequência de um grande momento intensamente vivido.

Os mais novos cultores da arte de Esculápio, hoje irmanados em última assembleia, são os mesmos que anos atrás, em tempo de primavera, davam início aos seus estudos numa trilha de esperança. Mas entre as primeiras lições que lhes ensinou a vida, esteve aquela de que nada se consegue gratuitamente no mundo, e o valor de toda obra humana corresponde à intensidade de humano sacrifício sobre ela derramado.

Vive, agora, em plenitude, no coração dos formandos, o princípio que amadureceram buscando. Pousa-lhes na mente a mesma ideia que brotou há dois séculos de um pensador iluminado . “Várias vezes comecei, e várias vezes abandonei esta obra; mil vezes espalhei ao vento as folhas que escrevera; sentia todos os dias as mãos tombarem; seguia meu objetivo sem formar designo; não conhecia regras nem exceções; só encontrava a verdade para tornar a perdê-la; porém, quando descobri meus princípios, tudo quanto procurava veio ao meu encontro, e no curso de vinte anos, vi minha obra nascer, crescer, progredir e terminar”.

O símbolo de Montesquieu, solto no tempo, pairou também sobre esses brasileiros. Souberam acender e conservar em si próprios a luz que deu conta de trazê-los, todos, ao milagre desta noite, onde experimentam, na serenidade do dever cumprido, a emoção do artista diante da obra terminada.

Não vai tão longe o dia em que, depois de duras provas, vimo-nos juntos pela primeira vez, no encontro criador de uma comunidade nova. Antes disso, cada um escolhera a Medicina como bandeira de luta. E, porque um mesmo ideal a todos animava, aqueles seres até então desconhecidos, chegados das mais diversas paragens, educados e vividos nas mais variadas formas, perceberam sua convergência como frutos de uma única árvore destinada a nutrir, em seu momento histórico, o eterno viandante, personificação do homem sobre o mundo.

Há, dentro desses seis anos passados, uma fonte de duradoras memórias. Irão viver conosco, indefinidamente, as mais tímidas cenas desse período de trabalho comum. Poderá ainda, casa um entre nós, orgulhar-se dos próprios companheiros, e, acima de tudo, do caminho que o conduziu à Faculdade de Ciências Médicas. Quando mal se nos desenhavam as primeiras noções de Medicina, foi naquela casa que assimilamos uma doutrina incisiva: Toda a estrutura médica somente existe em função do homem, e só por ele se justifica. Aprende que o conceito de Saúde se identifica com o conceito de felicidade e que portanto, é o médico também responsável pela felicidade do homem. Olha aquele que te procura como alguém a quem deves amparar e amar, e nunca exclusivamente, visar teus próprios interesse. Ama tua profissão para que o teu calor não te abandone.

Homenagem ao patrono

Tudo passa e passa depressa, no mundo, mas a glória científica no Brasil passa ainda mais depressa”, escreveu Afrânio Peixoto. No entanto aqui estamos nós a reverenciar a memória de Manoel Dias de Abreu, o médico e pesquisador brasileiro, escolhido para ser nosso patrono, e que empresta seu nome aos formandos de 73, à turma Manoel Dias de Abreu.

Apesar de não ter sido seu discípulo direto posso testemunhar a importância e a grandeza de sua obra generosa. Presta-se tributo de gratidão e amizade, numa homenagem justa e sincera, a quem se consagrou na grandeza de um imenso saber e nos extremos de uma incomensurável bondade. Este paulista que aos 20 anos saía da então Faculdade Nacional de Medicina, aos 22 anos já dirigia o Laboratório Central de Radiologia da Santa Casa de Paris, mostrando desde logo seu pendor para o estudo e a valia de sua inteligência, a serviço de uma vocação genuína e inabalável.

A grande realização de Manoel de Abreu é que o tornou mundialmente conhecido, foi a descoberta em 1936 do método de Radiografia torácica, de pequeno tamanho, obtida por fotografia radioscópica em tela fluorescente, e que, em homenagem ao cientista, passou a denominar-se ABREUGRAFIA.

Em 1962, aos 68 anos de idade, Manoel de Abreu, chegava ao fim de sua vida, árdua, difícil e tormentosa, mas profícua e gloriosa.

Na longa caminhada não o deteve a fadiga, não o dobrou a conveniência, não o esmoreceram as dificuldades. Enobreceu a nossa arte e reafirmou as qualidades de caráter e de honra que são o apanágio dos simples, nobres e verdadeiros.

Na planície, onde proliferam os descaminhos, deixastes as marcas indeléveis de tua passagem, as lições do teu exemplo que servirão de roteiro seguro às futuras gerações, apontando-nos a trilha luminosa da ascensão, pelo caminho da honra, do trabalho e do dever.

Homenagem ao paraninfo

De cada um dos mestres que hoje acompanham nossa partida, carregaremos conosco a mensagem. E na figura de Ítalo Suassuna escolhido para a última aula, iremos encontrar a lembrança daqueles todos que tornaram possível esta formatura.

Nunca como hoje em dia, mestre Suassuna, este país precisou tanto de homens que compreendam da realidade médica brasileira como você. Nunca foram tão necessários os entusiastas das pesquisas, os amantes dos laboratórios, e das ciências puras. Chamados a esta empreita, guardaremos na mente as tuas aulas, a tua figura de médico, pesquisador, cientista e educador. Nunca esqueceremos suas qualidades morais, e os princípios que o caracterizam: justiça, honestidade, abnegação, e dedicação ao trabalho, determinação e liderança. Receba agora, mestre Suassuna, como síntese suprema de novas homenagens, a ideia de que os formandos se regozijam pelos que ficam ao teu lado, e junto da saudade que levaremos daquela casa, caminhará sempre o consolo de a havermos deixado sob o pátio de justiça, dedicação e bondade que o teu espírito representa.

Assim te admiramos, mestre Suassuna. Assim vemos agora, amigo e paraninfo, o moço que anos atrás deixava os campos do RG do Norte, para brilhar no cenário médico brasileiro. Assim esperamos para logo mais tua palavra, e, para sempre, tua compreensão e amizade.

Homenagem administrativa

Querida Marlene Ribeiro. Para deixarmos de tê-la junto de nós, participando deste encontro como homenageada que representada todo o corpo de funcionários da casa, seria preciso negar na modéstia a presença de fidalguia e de amor. Irradiando simpatia e bondade, a face onde aponta o sorriso franco, seu sinal personalíssimo, dormirá nos olhos dos seus jovens amigos. Leve o nosso afeto aos seus companheiros nos corredores e salas, na secretaria e na cantina. É um sentimento que cresceu em seis anos, e não vai mais acabar. Leve sobretudo nossa promessa para com todos os membros da multidão que você representa, Marlene, a dos que no silêncio do trabalho anônimo, verdadeiramente constroem e alimentam o Brasil.

Homenagem à Esposa

Tua presença, esposa atual ou futura, traz à noite, um encanto diferente. Aquele que conhecestes como estudante é desde agora um homem pronto para outras campanhas, onde precisará, como precisou até hoje, das tuas mãos solidárias. Semelhante bênção nós a pudemos entrever mesmo durante a luta universitária, no convívio de nossas jovens companheiras. Vós todas, colegas nossas por direito ou por afinidade, acolhei a homenagem que vos rende o conjunto dos formandos, como se eles, num único sopro, dentro da noite, quedassem juntos de vossas janelas em terna serenata.

Homenagem aos Pais

Pais queridos:

Imaginaí agora um gênio da ciência, que depois de consumir a vida inteira em criação de uma teoria nova, no momento de expô-la ao mundo perde o dom da própria voz. Imaginaí um alpinista que chegado ao topo da montanha, ao perceber o vulto do trabalho realizado, vê que seus braços não têm força para fincar no solo de neve a bandeira do pioneirismo. Imaginaí, porque sem a noção de semelhantes circunstâncias não podereis compreender a pobreza do nosso verbo à hora de vos saudar. Deixai que desta vez a expressão de vossos filhos não venha resumir-se na apologia que vos fazem as tradições e os livros. Nem seja ela substituída pela quietude em que se comunicam as almas irmãs. Antes, aceitai agora o nosso reconhecimento traduzido em místico poema, descuidado das regras do estilo.

E amai conosco esta nova forma de ternura, revivescência do dia em que nascemos para a vida, sublinhando o amor que vos uniu.

Evocação de alegrias comungadas durante tanto tempo e de desilusões compartilhadas. E daqueles primeiros temores que nos levavam a procurar vossas mãos para esconder dentro delas o rosto ainda estranho às auras da tristeza.

Dos primeiros conselhos, pai, com que preparavas tua criança para conservar coragem neste mundo de duras realidades.

E dos primeiros sorrisos, mãe, vestidos da mensagem que fez conhecer o perdão e a caridade humana. Um amor simples, sem pompa e sem artifícios, que a todos iguala, misterioso como a ressurreição do pássaro na lenda antiga. Espontâneo como o abrir de flores noturnas, amor que vive no silêncio, e no silêncio amadurece...

Compreendi, pais queridos, que o poema que vos fazem, vossos filhos não pode ter desfecho, como não teve sequência nos seus verbos, compreendi, perdoai, e amai assim mesmo, amai conosco esta sinfonia irremediavelmente inacabada.

Homenagem aos mortos

Mas há entre nós aqueles de quem sentimos a ausência, cujos rostos, cujas palavras, não deveriam faltar.

Esse vazio traça no escuro da grande sala uma cortina de gaze branca, por trás da qual entrevemos a legião dos mortos que em vida nos amaram. Vêm eles falar ao filho num afetuoso murmúrio, dizer-lhe que a fronteira do tempo e do espaço foi frágil demais para lhes conter o desejo de estar agora ao seu lado. Sonharam em vida o grande acontecimento e trabalharam por ele. Nenhum fenômeno poderia esconder as formas de sua presença, ou calar o ardor de sua benção.

Pela cortina de gaze divisamos também colegas nossos. Uns foram levados em tempo triste e prematuro à eternidade. Outros, por outras circunstâncias, viram retardada a sua marcha universitária. Mas essa noite é nossa, companheiros. E porque é nossa, todos aqueles são tidos e havidos como presentes, irmãos, membros inafastáveis da turma de 73.

O último grupo da legião simbólica e infinitamente numeroso. Começa numa criatura rústica e seminua, o primeiro homem, que, no abismo da pré-história, terá derramado seu sangue por amor à humanidade vara os séculos e vem terminar naqueles que pela mesma causa agonizam neste instante, em qualquer parte do mundo que habitamos.

Mensagem dos Formandos

Pais, colegas, e devotos anônimos da medicina, erguidos do eterno sono, agregai-vos aos participantes desta solenidade que também é vossa, para ouvir agora a profissão de fé e a mensagem dos formandos.

Todo homem é fruto de uma terra e de um povo. No curso da sua inteira existência, aonde quer que o levem os caminhos da vida, o ser humano estará sempre ligado à terra que o viu nascer, e ao povo em cujo convívio construiu na mente a sua imagem do universo. Nada pode, em princípio, romper esse vínculo estribado na cultura, nas verdadeiras tradições, e mais que tudo no amor.

Mas ninguém pode amar aquilo que desconhece, e nessa verdade é compreensível a filosofia dos que constroem entre o próprio coração e o drama do seu meio a mais triste das barreiras. Ela não traduz perversidade senão desamor. Não contém um sistema de propósitos avessos ao caráter, mas uma profunda distância da realidade das coisas. Todo progresso, toda conquista, todo aperfeiçoamento humano, só se consegue através daqueles que conhecendo antes de mais nada as suas próprias raízes, sabem amá-las e trabalhar por elas.

Se aos ouvidos dos brasileiros pudesse chegar o canto da terra que lhes foi berço. Ela haveria de mostrar-se mãe a quem foi negado o direito de ver serena a sua prole. Ela, terra, iria florir nas mais prodigiosas lavouras, se não faltasse aos seus cultores a semente do fruto de amanhã. Ela iria abrigar nos mais sólidos tetos os seus 100 milhões de criaturas, se sobre estas caísse a riqueza que lhe saiu das entranhas. Mas houve um dia, já distante, em que os veios foram tirados pelos seus próprios homens, na qualidade de servos. E o ouro que daria à gente de Santa Cruz a liberdade e a lei autônoma, deixou

a formosa praia, para dividir-se entre prover a corte colonizadora, e sustentar, pelos sete mares, os corsários da Inglaterra.

Aquela melancólica partida marcava o início de uma longa história. História do povo a cuja maior parte nem foi dada a instrução que lhe permitiria conhecer a obra magnífica dos seus filhos iluminados. Nem chegaram à sua tenda as maravilhas da ciência e da tecnologia. Nutrido de sonhos, esse brasileiro trabalha. Acende ao fim do dia as lamparinas, única luz que, ao lado da esperança, mostra vida no crepúsculo dos campos. E se um brado sonoro corta o céu clamando por justiça, é como aquele dos primitivos cristãos nas catacumbas de Roma, que espantava as aves de rapina e fazia tremer a rocha viva dos subterrâneos, mas não chegava aos ouvidos de César.

Uma força terrível, organizada e persistente, conspira entre sombras contra o Brasil. Tem existido em todos os tempos; tem povoado todos os regimes, desde aqueles que enganaram a nação com sua incoerência, ou os que contra ela ostensivamente se voltaram, dificultando-lhe a sobrevivência, arruinando-lhe o princípio democrático, fazendo flutuar sobre ruas e praças, sobre escolas e assembleias, sobre oficinas e lares, a asa escura da insegurança e do medo, até aqueles que se revestem de suposta honestidade e boa intenção.

É um poder capaz de desvirtuar o próprio sentimento religioso, do qual se aproveita para ferir o verdadeiro sentido da fraternidade, a lição do amor, em que se manifesta, altivo e eterno, o gênio do cristianismo.

Esse poder estranho que cresce há cinco séculos em paródia infame do bíblico e nobre Josué, alimenta o propósito de estacionar o sol, mas do outro lado da terra, para que se prolongue, para que se eternize, a imensa noite brasileira.

Porém seu esforço, finda. O astro lhe queima as mãos, desliza dos seus braços, e vem caminhando, sereno e decidido. Vem caminhando o sol que a nacionalidade espera, e quem firmasse o olhar na curva do nascente, veria desde agora os seus primeiros raios.

Mensagem aos Colegas e Mestres

O acontecimento que marca em nossa vida este nono dia de dezembro, tem seu mais alto emblema numa promessa. Pública e solenemente juram os doutorandos. Juram exercer sua profissão com honestidade, com caridade, com ciência e com dedicação. Juram servir ao homem e nunca faltar à causa da humanidade.

E, pois, para que esse voto não se esfume no correr dos anos, mas acompanhe a trajetória de cada membro da turma de 73, é preciso estudá-lo e procurar defini-lo. O que significa, afinal, ante o pensamento médico, a “causa da humanidade?” Quando lhe servimos? E quando lhe faltamos?

Vocação não existe, mais que a nossa suscetível de conduzir a dois extremos opostos. Há um instante, na vida do médico, em que ele vê bipartir-se a sua estrada, enfrentando a obrigatoriedade de uma grande escolha. Maior ainda há de ser sua conquista se ele, com supremo sacrifício do conformismo e da vaidade, opera o milagre de encontrar no trabalho consciente a sublimação do próprio encargo de viver.

No dizer de Miguel Couto: “Clinicar é sinônimo de sofrer. Onde estiver o homem padecendo, estará ao lado a medicina aliviando, consolando, mitigando... e, padecendo, como mãe carinhosa”.

Ser médico é peregrinar toda uma vida pela dor alheia, na certeza de que a ele sempre restará a dor maior dos insucessos colhidos e nenhum sorriso pelas vitórias. A medicina é a única profissão que vive literalmente do sofrimento humano, gerado pela dor, pela angústia e pelas lágrimas dos necessitados.

Explico aos amigos o sentido destas palavras. Não quero sejam elas mal compreendidas, como não quero sejam elas tidas como um ponto de desesperança, que falem mais da dor do que da alegria.

Entendo que o verdadeiro médico se obriga a muito mais do que àquilo que solenemente jurou ao receber seu grau.

Muita vez, ainda com pouca idade, vai ter necessidade de, para bem curar, ser pai, irmão e sacerdote. Há que existir, dentro de cada um de nós, um pouco de tudo o que se foi dito. A cura do corpo nem sempre é possível sem que se proceda, também a cura do espírito. E talvez aí resida o ponto de maior fixação no futuro de um médico.

Por tudo isso, precisamos oferecer a todo aquele que bate à nossa porta, um pouco de calor humano, traduzido pela solidariedade, pela fé, pelo amor e pela esperança.

Que o médico penetre, pois, no fundo das almas e dê sempre a quem sofra e para ele não só a técnica de sua arte, mas sua própria força afetiva e o calor do seu próprio coração.

Compreender, muitas vezes, é a única forma de curar e o remédio é apenas um mero pretexto de cura, um simples catalizador entre o médico e o paciente.

Aqueles que souberem, com cândida humildade, confortar, aconselhar, guardar confidências, trazer para si o desespero alheio e encampar a dor de outrem, para melhor senti-la e melhor curá-la, por certo serão os vitoriosos do amanhã.

Será o prêmio àqueles que, por vocação e por real desprendimento, divorciarem-se das próprias vidas com o sentido único de melhor servir ao próximo.

Será a vitória final!

Será a recompensa maior pelas dores maiores, guardadas dos insucessos por venturas colhidos na peregrinação feita pela dor alheia.

Somente desta maneira, continuarão os médicos elevando a sua nobre profissão naquilo que ela possui de mais substancial: o amor ao trabalho, o culto desinteressado a sua ciência, o devotamento e o respeito ao doente e a observância à magnitude de sua função social.

O autêntico médico vê na humildade uma virtude essencial. Sabe que sua prerrogativa de argumentar ou decidir sobre o destino alheio não lhe advém do paraíso, mas da confiança que em suas mãos deposita o meio ambiente. Conhece, nessa investidura, o quanto é grave o seu trabalho.

Por outro lado o médico tem ciência de verdades cruéis e melancólicas. Sabe que encontrará pela frente uma realidade triste e deprimente espelhando o problema “saúde brasileira”. Encontrará um sistema assistencial equívoco, sugerido por uma paisagem morta, inspirada em ideias e conceitos que o tempo cuidou de sepultar.

Saído de Universidade em crise econômico – existencial, encontrará ainda um mercado de trabalho opressor e condicionante.

A Medicina, quando não se funda na realidade da vida, quando não espelha limpidamente a justiça mais pura, perde sua feição de coordenadora das relações humanas e fornecedora de saúde e felicidade, para transformar-se em monstruosa inimiga das mesmas bases em que se pretende sustentar.

A correção de tais erros e seu aperfeiçoamento, no entanto, vem a ser uma obra sem término previsível. Os erros renascerão no tempo, exigindo que se levante a voz do nosso meio. Porque a verdadeira essência da crise da Medicina brasileira não é a dissonância entre as verdades e as realidades, mas é o silêncio dos profissionais diante desse flagelo.

E a grande verdade já foi dita pelo grande mestre Miguel Couto:

“Ainda não penetrou bem em todas as consciências e se torna necessário repetir monotonamente a cada hora, que a primeira riqueza de uma Nação é o homem, o seu sangue, o seu cérebro, os seus músculos, e que ela está fatalmente condenada à decadência e ao desaparecimento, quaisquer que sejam os tesouros nacionais que encerre, quando o homem que a habita e que a dirige não a merece”.

Inútil pensar que o avanço dos tempos nos tenha livrado de antigos males. Na paz florescem as nações, e incensam a cultura, e elevam a ciência, e entregam aos seus homens a herança da civilização. Mas a qualquer instante, sem motivo lógico, estouram novas guerras de conquista, para destruir em poucos anos aquilo que de mais sublime o pensamento criou desde as origens do mundo.

Entretanto, ninguém se reconhece titular de maus propósitos em nenhuma reminiscência histórica será possível encontrar aquele que se tenha entregue conscientemente à destruição. Todos, em derradeira análise cumprem suas leis. Todos, inclusive tiranos e agressores acreditam à sua maneira, estar lutando por ideias justas.

O choque dos conceitos aparece, enfim, como o grande e único responsável pelo drama dos povos; e só nascerá entre os homens um novo reino quando for encontrada, e por todos reconhecida, a conceituação, definitiva e sólida, daquilo que seja imperecivelmente justo.

Vagar em busca dessa ideia é, a um só tempo, a mais dura das cruzadas, e o melhor estilo de servir à causa da humanidade.

Nossa lembrança anônima na consciência das gerações futuras terá sido bastante para justificar o empenho com que hoje arquitetamos a vitória final da razão e da justiça.

Mensagem aos presentes

Senhoras e Senhores,

Assim se apresentam ao mundo os formandos de 73.

Trazemos conosco brasileiros vindos de todos os quadrantes, raças e crenças de todos os matizes. Trazemos companheiros que desde a infância conheceram a aspereza da vida, privaram-se, mais tarde, do calor dos seus lares, habituaram-se precocemente ao trabalho, e mostram em suas faces a marca admirável de uma grande luta. Trazemos enfim, as mais diversas linhas de pensamento, e esse ecletismo não ameaça, agora, a corrente que nos congrega. Chega mesmo a estreitá-la, na ideia do pensador, de que “A solidariedade para a vida se faz dentro da luta”, e o que mais nos une, os homens, uns aos outros, são nossas discórdias. Pois o que mais une “a cada um consigo próprio”, o que faz a unidade íntima do espírito humano, são suas contradições interiores. “Cada um só se põe em paz consigo mesmo, como D. Quixote, para morrer”.

Irmãos, identificados no sangue e na fé, dizemos na hora da encruzilhada uma ardorosa prece. A essência desta noite deve ser pura. Os rancores dormem esquecidos, e o ódio é um sentimento que

desconhecemos. Cremos no valor do homem, e em sua predisposição para o bem.

Cremos no porvir da nossa gente, em melhores tempos sucedendo a quinhentos anos de contida espera. Cremos na igualdade das nações, e em sua frente única para o desenvolvimento comum.

Cremos, acima de tudo, que existe para nós reservado um lugar nessa epopeia; e que ele nunca estará vazio enquanto vivermos no exemplo do planeta amigo Vênus que tem o nome de Estrela, primeira a surgir no firmamento, e última a se apagar em símbolo eterno de devoção à humanidade.

Assim, quando a voz das coisas e dos fatos perguntar se é possível nascer da obscuridade a entressonhada redenção, se é possível, quando tudo parece perdido, confiarem ainda os jovens no progresso, na liberdade, na paz e no amor, se é possível continuarem eles na órbita de um astro que o nevoeiro esconde, seguiremos dizendo que nada neste mundo, nem a força do mal, nem as trevas, nem as chuvas, nada pode extinguir a perseverança dos que possuem, gravada na alma, a estrela da manhã.

E seremos ainda, parte do mundo, no dia em que se concretizar aquele velho sonho de que falou Machado de Assis: “Os tempos serão retificados. O mal acabará. Os ventos não espalharão mais nem os germes da morte, nem o clamor dos oprimidos”.

Mas tão somente a cantiga do amor perene, e a benção da universal justiça.



HISTÓRIAS

■ O MEU CAMINHO

Alexandre Abrão Neto

Fiz Medicina por acaso. Nunca acreditei em vocação, mas no prazer que o hábito de qualquer ofício pode ou não trazer a quem o exerce. Fiz teste vocacional que, obviamente, foi inconclusivo.

Meus cursos (Ginasial e Científico, como se chamavam à época) foram realizados no Externato Marista São José, na Tijuca, Rio de Janeiro. Eram dirigidos por irmãos Maristas da Companhia do, então beato, hoje Santo, Marcelino Champagnat, além de professores leigos. Alguns muito bons, outros nem tanto. Sempre fui considerado um CDF (nerd atual), cobriam-me de medalhas ao fim de cada ano (de 1961 a 1967). Eram meus colegas José Augusto Messias, Alexandre Adler Pereira, Luiz Alfredo Lamy, Luiz Fernando Gallego Soares, Villano, entre outros.

O pré-vestibular foi realizado no próprio São José, junto com o terceiro ano científico. Resolvi fazer Medicina.

A prova para as universidades não era unificada. Fiz para a UFRJ. Passei muito bem. Para mim já estava resolvido. Iria para a UFRJ, então na Praia Vermelha. Mas como morávamos na Tijuca, meu pai sutilmente me sugeriu tentar a UERJ. Caso passasse, ganharia um automóvel de presente. Não pensei duas vezes. Fiz prova para a UERJ (Maracanã e Maracanãzinho) e passei, muito bem classificado. Em janeiro de 1968, entrei na FCM (UEG), sendo recebido amigavelmente pelo livreiro Moysés Feldman, meu primeiro contato na então UEG.

O grupo de amigos (a maioria de então CDFs) logo se formou: Messias, Clodomir, Marília, Suzana, Sidney, Sandra, Stella, Marco Antonio Brasil, Luzer, Cachapuz, Rita, Salomão e Lelis do Couto. Os anos de graduação ocorreram sem grandes ondas, exceto no final do primeiro ano (1968), com a invasão do Hospital Universitário pelo CCC (Comando de Caça aos Comunistas) e pela polícia da ditadura militar, que assassinou um colega do segundo ano médico (Luiz Paulo), além de causar ferimentos à colega de turma.

Lembro-me de alguns momentos engraçados, como: numa aula de Histologia, com o professor “Basófilo”, Marília entra atrasada no anfiteatro, chupando um picolé e murmurando “tá duro” e o anfiteatro em coro uníssono: “tá duuuuro”. Bons momentos de estudo na casa da Marília, no Opala vermelho da Sandra. Era fácil estacionar o carro, não havia o prédio da Radiologia (esta se localizava no terceiro andar do HUPE, onde hoje há o NESA).

E maus momentos, como a preocupação com o colega Salgado, em 1969, após o sequestro do embaixador americano. Além da morte por sepse pós-aborto de uma colega de turma. No quinto ano, em 1972, conheci o professor Edson Jurado da Silva, minha referência na profissão e modelo na futura especialidade que segui: Gastroenterologia.

Meu internato no sexto ano foi na enfermaria do professor Jaime Landmann, com excelentes professores, como Ricardo Donato e Rafael Salek. Através de mediação do Messias com o professor Landmann, foi criada a Disciplina de Gastroenterologia e Endoscopia Digestiva. Nela fiz minha Residência Médica em 1974 e 1975. Ao final da residência, fui convidado pelo professor Piquet Carneiro a passar a Professor Auxiliar do então Setor de Gastro, ligado à DIP, depois à Segunda Clínica Médica, com o professor Angelo Faillace.

Fiz mestrado em Gastroenterologia na UFRJ em 1981 e Doutorado em Epidemiologia pelo IMS/UERJ em 1999. Chefeei a Disciplina de 1994 a 2020. Nos anos seguintes, fui Secretário da Sociedade Pan-Americana de Endoscopia Digestiva, Presidente do capítulo do Rio de Janeiro da SOBED e, em Viena, tomei posse por quatro anos como Secretário Geral da Organização Mundial de Endoscopia Digestiva.

Em abril de 2020, fui acometido por Covid grave, fiquei internado por três meses. Afastei-me por sequelas renais graves. Em abril de 2022, defendi meu Memorial e passei a Professor Titular. Agora em 2023, sou obrigado a solicitar aposentadoria por idade.

Enfim, de 1968 a 2023, são 55 anos ininterruptos de boas realizações na UERJ.

■ O ANO QUE NÃO TERMINOU

Augusto César Araujo



No dia 22 de outubro de 1968, o estudante de Medicina da UERJ, Luiz Paulo da Cruz Nunes, foi assassinado, aos 21 anos, com um tiro na cabeça, durante um protesto pacífico contra a ditadura, em frente ao Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE). Considerado excelente aluno, Luiz Paulo era do movimento estudantil e, de acordo com seu colega de turma, Lafayette Pereira, foi atingido quando cinco homens saltaram de um camburão da polícia e descarregaram suas pistolas contra os alunos. Dez jovens foram atingidos pelas balas e dezenas se feriram, no tumulto, para fugir dos disparos.

Esse foi um dia muito marcante nas nossas vidas, pois o que ocorreu foi uma agressão gratuita contra um hospital público, repleto de pacientes em tratamento e com cirurgias sendo realizadas. Durante um protesto pacífico, como ocorriam todas as semanas ao redor do país, contra o governo militar em vigência, uma viatura da Polícia Civil surgiu em frente ao Hospital Pedro Ernesto, tentando inibir o ato político. Em reação, os manifestantes correram em direção à viatura para afastá-la e impedi-la de realizar uma ação de repressão. Os policiais, em represália, desceram da viatura e dispararam tiros em direção ao grupo de estudantes, atingindo várias vítimas. Uma delas, o Amauri, ficou caído após um tiro na coxa e um policial se posicionou ajoelhado em cima dele com a arma na mão para levá-lo preso. Eu estava em frente ao portão do hospital e, quando vi a cena, corri em direção a eles para resgatar o colega. O policial então me viu, atravessando a avenida, e apontou a arma para mim. O Amauri segurou o braço do policial e o virou para o outro lado. Neste momento, o policial disparou um tiro que acabou atingindo o letreiro do bar que ficava em frente ao portão. Continuei correndo em direção a eles e chutei o rosto do policial que, por sua vez, caiu de cima do Amauri e largou sua arma. Levantei o Amauri, peguei a arma e o levei de volta para o hospital, onde foi tratado o ferimento da sua coxa.

Dentro do hospital, entreguei a arma para algum dos colegas, o qual não me lembro mais, porém algumas semanas depois o J. Andrade, membro do diretório, deu queixa de que haviam invadido o vestiário, arrombaram o armário dele e levaram a caixa com o dinheiro do diretório e a arma. Quando soube da notícia, fui com o Edson e o Cláudio averiguar o ocorrido e, para a nossa surpresa, entre os

mais ou menos duzentos armários, só o dele estava arrombado. Nesse mesmo dia, um pouco mais tarde, estávamos cercados e ninguém conseguia sair do hospital. Vimos na grade dos fundos três colegas que não tinham participado do ato, gozando de nós, dizendo que enquanto íamos presos, eles iriam à praia. Nesse momento, os policiais prenderam os três e os levaram para a delegacia. Os três sacanas eram Renato Cabeça, Serginho, e o terceiro, o Renato nos diz quem era. Infelizmente, nesse triste dia, perdemos o Luiz Paulo e diversos outros ficaram feridos. Apesar de ser um dia trágico, nas minhas memórias nunca tive nenhum sentimento de remorso ou tristeza, pois a causa por que lutávamos era maior.

Anos depois, lendo um livro sobre os fatos da época no Rio de Janeiro, possivelmente de Zuenir Ventura, me deparei com uma notícia do dia 22 de outubro de 1968 que dizia, “Em frente ao Hospital Pedro Ernesto, um policial saiu ferido e foi operado de fratura na face no Hospital Souza Aguiar.” Foi a última pessoa que me apontou uma arma e sobreviveu para contar a história.

■ MINHAS MEMÓRIAS

Cecil Wall Barbosa de Carvalho Filho

Antes de iniciar a narração de algumas das minhas vivências na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara (FCM-UEG), quero registrar, aqui, meu orgulho por ter estudado na faculdade de Medicina da mesma Universidade em que meu pai havia, um ano antes, se formado em Direito e que viria, mais tarde, ser a escola na qual meu filho cursou Medicina.

Registro, também, o orgulho pelos meus colegas de turma que foram reconhecidos, nacionalmente, por suas realizações e dedicação à medicina, pelos que se tornaram professores e todos os outros que desenvolveram uma carreira de sucesso no desempenho da medicina.

Minha entrada na FCM

Por conta da minha colocação no vestibular, a confirmação da minha aprovação somente viria a ser efetivada após a desistência de alguns vestibulandos que foram aprovados e classificados, tanto na UEG quanto na UFRJ. Assim, passei as férias de fim de ano indo quase todos os dias à Faculdade para conferir as matrículas dos vestibulandos aprovados, contabilizando e torcendo para que o número de colegas

que optavam pela matrícula, na outra escola, fosse suficiente para permitir minha classificação.

Nessa jornada, conheci e fui assessorado por duas pessoas que me ajudaram muito no controle das matrículas, a secretária administrativa Marlene Ribeiro da Silva e o livreiro Moysés Feldeman. Ambos, mais tarde, se tornaram personagens importantes na nossa caminhada na FCM. Ela, pela dedicação, secretariando nossas atividades com muita competência, dedicação e carinho. Tão grande foi seu zelo por nossa turma que foi homenageada por ocasião da nossa formatura. Ele, dono da livraria especializada em medicina, instalada no hall de entrada do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), procurava sempre facilitar, ao máximo, a possibilidade de aquisição dos livros pelos alunos e, frequentemente, emprestava volumes para aqueles com maior dificuldade para adquiri-los.

Outro personagem que tive a honra de conhecer nesse início de jornada foi o Professor Américo Piquet Carneiro, na época Diretor da FCM. Ele, em certo momento, nos reuniu, eu e outros colegas que vivenciavam a mesma situação, para nos tranquilizar, garantindo a absoluta lisura na classificação para a matrícula. O Prof. Piquet Carneiro, além de médico muito competente, era mestre da Clínica Médica, se destacava por sua capacidade de ensinar e seu carinho e bondade para com os estudantes.

Enfim, com a confirmação de desistência pelo curso da FCM por alguns vestibulandos, pude efetivar minha matrícula, já no segundo dia do início das aulas.

Algumas vivências marcantes na Faculdade de Ciências Médicas da UEG

Durante o primeiro ano do curso, duas ocorrências me marcaram de forma indelével, ambas promovidas pela repressão do então regime governamental militar.

O primeiro foi o assassinato de um colega do segundo ano, pela repressão policial, durante uma manifestação estudantil, no Boulevard 28 de Setembro, em frente ao HUPE. O segundo foi a derrubada do prédio onde funcionava o Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming, com destruição de todos os equipamentos ali instalados ou guardados. Perdemos, nessa ação, os equipamentos do CICHEME (Cine Clube da FCM), onde eu atuava, junto com outros colegas, colaborando na programação e projeção dos filmes.

Outra experiência marcante foi o acesso ao terceiro ano, momento em que iniciávamos os primeiros contatos com os doentes, durante a Cadeira de Clínica Médica. Meu grupo foi designado para Clínica do Professor Edgard Magalhães Gomes, mestre de altíssimo destaque por sua competência como médico e professor.

Em seguida, no quarto ano, começávamos a nos aventurar no mundo médico externo à FCM – eram os estágios práticos em clínicas e hospitais. Minha principal experiência, nessa ocasião, foi o estágio no Hospital Maternidade Estadual Fernando Magalhães, onde aprendi a fazer partos e dar assistência aos recém-nascidos.

Já no quinto ano, tradicionalmente, quase todos os estudantes se submetiam ao processo seletivo (concurso) para estágio remunerado nas unidades de saúde públicas do então Estado da Guanabara. Era

uma oportunidade para estudantes de Medicina adquirirem experiência prática nos atendimentos de urgência e emergência.

Eu e outros colegas de turma fomos designados para o Hospital Estadual Carlos Chagas, onde dávamos plantões semanais de 24 horas no Setor de Emergência do Hospital. Embora tivéssemos supervisão dos médicos efetivos do hospital, éramos, praticamente, a única mão de obra no atendimento de pacientes em situação de urgência e emergência no hospital. Foi realmente uma experiência muito importante para nossa formação.

Outra experiência, no quinto ano, foi minha participação no Campus Avançado da UEG em Parintins, no Amazonas, onde pude atender e conviver, durante um mês, com uma população de costumes muito diferentes dos nossos.

Veio o sexto e último ano antes da formatura. Permaneci, como a maioria dos meus colegas, na FCM para cursar o internato. Até então ainda não havia decidido por uma especialidade, fiz o internato de rodízio nas diversas clínicas médicas especializadas. Nessa ocasião, dois médicos foram primordiais na minha jornada: primeiro, o Prof. Dr. Nicola Albano, professor de Pediatria, de quem me tornei amigo, foi o principal incentivador à minha especialização nessa área. O Dr. Nicola Albano era um profissional extremamente competente e foi o precursor da Neonatologia no Brasil. Também foi homenageado pela minha turma.

Depois, o Dr. Francisco Manes Albanese Filho, médico residente de segundo ano, era o chefe do plantão da minha equipe do internato no HUPE. Tradicionalmente, os chefes de equipes dos plantões elegiam um interno da sua equipe para ingressar na residência, e eu tive a honra de ter sido, entre vários outros candidatos à residência

em Pediatria, o designado pelo Dr. Albanese. O Dr. Albanese viria mais tarde a se destacar como médico especialista em Cardiologia e professor da Cadeira de Cardiologia da FCM-UERJ.

Agora, relato um fato enternecedor

Durante o internato, no estágio na Cadeira de Pediatria, recebemos uma criança de oito anos de idade, vinda do interior da Bahia, para tratamento de esquistossomose intestinal. Ela ficou sob responsabilidade da Prof. Dra. Edna Ferreira da Cunha, que na ocasião era a minha preceptora e me passou o caso para estudo e prática. Nessa época, o tratamento da esquistossomose era à base de drogas antimoniais, que eram muito tóxicas e por isso os doentes tinham que ser internados, por cerca de três semanas, para serem monitorizados durante o tratamento. Ela veio trazida por parentes, deixou pais e outros familiares mais próximos na Bahia, praticamente não recebia visitas. Impressionou-nos por sua resignação, não se queixava de nada, aceitava todos os procedimentos, mesmo os invasivos e dolorosos, com tranquilidade e paciência, e parecia sempre estar alegre. Mas em uma das visitas, para exame e prescrição, percebi um ar de tristeza em seu semblante e perguntei o que estava ocorrendo. Ela me disse que estava com saudades da sua casa, dos seus pais e irmãos. Perguntei então o que significava saudade para ela, no que fui surpreendido com uma resposta que jamais esqueci. Com ar de surpresa, pelo fato de achar que eu não sabia o que era saudade, ela me disse “Tio Cecil, saudade é a vontade de ver alguém novamente”. Essa, para mim, ficou sendo a melhor

definição de saúde. Nossa amiguinha, depois das três semanas de internação, voltou curada para o aconchego da sua família na Bahia.

A Dra. Edna, que também foi uma das grandes incentivadoras da minha carreira e da minha decisão pela Pediatria, era uma profissional com muita qualidade, e foi, efetivamente, mestra maior nessa especialidade.

Fim do internato

Vieram a formatura, solenidade de diplomação no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, baile no Clube Monte Líbano e muitas outras comemorações de despedidas. Muita alegria, mas uma pergunta nos angustiava: “Estávamos já preparados para exercer a medicina com segurança?”

Para mim, e acredito que também para maioria dos colegas, a resposta era “não”. Não porque houvesse alguma grande deficiência no ensino da FCM, mas muito pela necessidade da dedicação a uma especialidade, para adquirir mais experiência e segurança para a prática da Medicina.

Por fim, também muito importante na minha formação, por indicação da Secretaria de Saúde de Resende, retornei à FCM-UERJ em setembro de 1991, mais precisamente, à Unidade Clínica do Adolescente, hoje Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA), para participar de estágio de Treinamento de Capacitação para Atendimento do Adolescente. O NESA é um serviço de assistência integral à saúde do adolescente, referenciado no Brasil e

internacionalmente por seus trabalhos de pesquisas e ensino dedicado à Medicina do Adolescente.

Cumpra também registrar, aqui, meu orgulho pelo fato de meu colega de turma, Prof. Dr. José Augusto Messias, ter sido um dos fundadores do NESA, sendo atualmente seu diretor. Em reconhecimento aos seus serviços e por sua importância na medicina, José Messias foi eleito membro da Academia Brasileira de Medicina.

Fim da residência – início da carreira profissional

A primeira ocorrência que se somou a tantas outras que comprovaram a qualidade do ensino da FCM que vivi foi o fato de que, logo após o término da residência, no concurso para obtenção do Título de Especialista em Pediatria da Sociedade de Pediatria, a única escola que aprovou todos os seus residentes foi a FCM-UEG.

O prestígio, no meio médico, da FCM-UEG, a qualidade do ensino da medicina e, principalmente, a preocupação dos seus mestres em inculcar os preceitos da ética médica em seus discípulos, me proporcionaram o que eu acredito, modestamente, uma carreira de sucesso.

Um dos meus maiores orgulhos é que eu era, em Resende, o pediatra escolhido pelos meus colegas médicos para assistência dos seus filhos. Desenvolvi minha carreira profissional nas cidades de Resende e Volta Redonda. Em 1976, após aprovação em concurso público, fui designado médico pediatra do Hospital da Companhia Siderúrgica Nacional (HSN).

O HSN era um hospital ligado ao ensino médico e lá, além de melhorar a minha própria formação, pude colaborar na formação de médicos da Faculdade de Medicina de Volta Redonda da Fundação Osvaldo Aranha, dando aulas, orientando os internos no seu estágio pela Pediatria e, principalmente, na especialização de médicos pediatras, como preceptor da residência médica em Pediatria.

Muito me orgulho também por ter convivido, em Resende e Volta Redonda, com médicos que haviam sido meus alunos e com pediatras de cuja formação participei, durante a residência médica.

Em Resende, cidade onde fui criado, desempenhei minhas atividades no serviço público, como médico pediatra do Ministério da Saúde e na assistência médica privada. Nessa jornada, após o término do treinamento para capacitação de atendimento ao adolescente na FCM, em 1991, participei da criação, em Resende, de uma unidade assistencial multidisciplinar exclusiva para atendimento de adolescentes, o Centro de Assistência ao Adolescente de Resende (CAAR). A partir daí, até a aposentadoria, por 20 anos, dediquei meu trabalho, no serviço público, exclusivamente, à assistência ao adolescente.

Nossas atividades foram muito bem reconhecidas, tornando o CAAR referência regional na assistência do adolescente.

Corroborando o sucesso da instituição, fui agraciado, em 1995, durante o VI Congresso Brasileiro de Adolescência em Aracaju, com o Prêmio Professor José Cândido Silveira, por ter sido ator e apresentador do trabalho de tema livre “Projeto Agricultor Mirim – Fator de Prevenção Juvenil”, que foi considerado, pela comissão científica do evento, como melhor trabalho apresentado no congresso.

Cinquenta e seis anos se passaram desde o início da nossa jornada na FCM-UEG. Muitos colegas já não se encontram mais aqui conosco,

poucos se afastaram definitivamente do nosso convívio, mas grande parte continua unida por uma amizade sólida e verdadeira, construída nos tempos da escola, que fica evidenciada nas comunicações pelas redes sociais e nos encontros eventuais que só nos trazem alegrias. Fomos todos privilegiados por esse encontro na Faculdade de Ciências Médicas.

■ FRAGMENTOS DE MINHA HISTÓRIA NA FCM

Francisco Barbosa Neto

Hoje, com mais de 76 anos de idade, estou frente a frente com mais este singelo desafio: relembrar aspectos que me parecem relevantes no meu itinerário pela vida.

Nasci em um pequeno povoado do antigo Mato Grosso, distrito do Município de Santana do Paranaíba, que se tornou mais tarde a cidadezinha de Cassilândia, no atual Estado de Mato Grosso do Sul. Meu pai, um boiadeiro que tentara sem sucesso a vida no comércio, adquirira, com a venda de sua pequena loja de “secos e molhados”, algumas centenas de hectares de terra, voltando à vida de boiadeiro para investir naquela terra bruta. Minha mãe era dona de casa, costureira, benzedeira, parteira e administradora da fazenda durante as viagens de meu pai, entre muitas outras habilidades. Muitas décadas mais tarde, passei a imaginá-la como o primeiro “engenho humano multifuncional” que conheci.

Concluí meu curso primário no Grupo Escolar de Cassilândia, sem ser um estudante brilhante, mas sem reprovações. Meus pais moravam na fazenda, situada cerca de cinco horas a cavalo de Cassilândia. Por isso, morei seguidamente com meus avós maternos, um padrinho, uma sobrinha de meu pai e um antigo amigo dele. O Curso Ginásial foi efetivado sob regime de internato, em uma escola presbiteriana, o Instituto Samuel Graham, na cidade de Jataí, sul de Goiás, situada

a cerca de 250 Km de Cassilândia. Foi neste Colégio que conheci o Professor Elter Dias Maciel, que teve um papel essencial na minha motivação de continuar estudando e a quem reencontrei, mais de 30 anos depois, também como professor da UERJ. Também não me destaquei como um aluno com notas muito boas, mas não tive reprovações.

Concluído o Curso Ginásial, fui estudar no interior de São Paulo, na Associação de Ensino de Ribeirão Preto, em companhia de ex-colegas do curso primário, iniciando o Curso Científico. Aqui, já temos a primeira escolha que separava as formações ditas “científicas” das de uma outra grande área que envolve as denominadas Humanidades, o Direito, a Administração, Sociologia etc. Quem estivesse interessado nessas formações deveria escolher o Curso Clássico. No terceiro ano do Científico, iniciei concomitantemente um curso preparatório de vestibular para Medicina, o Curso Oswaldo Cruz (COC), em Ribeirão Preto.

Por que escolhi ser médico?!... Não existe uma resposta direta e única. Sem dúvida, uma multiplicidade de fatores: o primeiro médico a se fixar em Cassilândia, Dr. Manoel Thomás, só surgiu quando completei onze anos de idade. Cearense, formado em Salvador-BA, tornou-se um ídolo na região por sua dedicação, competência e humanismo. Um acidente de trânsito com morte instantânea, em suas férias, visitando familiares no Nordeste do Brasil, interrompeu sua carreira aos 33 anos de idade. Sua curta história na cidade – pouco mais de três anos – virou quase uma lenda, tornando a medicina um assunto corrente. As atividades de parteira, benzedeira e curandeira de minha mãe, assim como o fato de minha irmã caçula ter tido um quadro compatível com meningite, aos 40 dias de vida, sobrevivendo,

mas com graves sequelas neurológicas. No dia 19 de outubro deste ano de 2023, ela completará 72 anos de idade.

Estimulado por professores do cursinho, analisando nosso desempenho nos “exames simulados”, fomos orientados a fazer o exame vestibular no Rio de Janeiro. Vir para o Rio de Janeiro foi mais que uma aventura inesperada: uma grande descoberta! A maior cidade que eu conhecera, até então, era Ribeirão Preto – na época, com pouco mais de 110 mil habitantes –, ver o mar pela primeira vez, aos 20 anos de idade, entrar sozinho em um elevador, foram verdadeiras “quebras de paradigma pessoal” para aquele tímido “caipira matogrossense”. As provas para os vestibulares, em pleno Estádio do Maracanã – que havia visto apenas em fotografias e na televisão – seriam assustadoras, não fossem as companhias de tantos colegas que vieram também de Ribeirão Preto: Petean, Spósito, Edson Mello Rocha, Cristino Severino Neto, entre tantos outros, apoiando-nos uns aos outros!... O sucesso de muitos – eu, entre eles – tornou-se limitado pela tristeza temporária daqueles que não tiveram o mesmo destino.

No período de adaptação, preparo final e realização dos exames vestibulares, ficamos quase todos os que vieram de Ribeirão Preto em uma pensão próxima ao Largo do Machado (na rua Pedro Américo), o que veio facilitar a constituição da primeira “república” de que fiz parte. Esta, situada no Edifício Maria Georgina (esquina da então Rua Turfe Club com Rua São Francisco Xavier), em um apartamento de 2 quartos (602?). Em um dos quartos se instalaram Dalton, Shigeru Takai e Edson Rocha; no outro, Bianchi, Kleis e eu. Dois destes não estão mais entre nós, Kleis e Dalton, por isto, quero dedicar algumas linhas a eles, em especial.

Dalton foi um quase “irmão meu”, chegou a me levar para conhecer sua família e a cidade em que seus pais moravam, em Minas Gerais. Kleis e eu nutriamos visões de mundo quase opostas, o que gerava renhidas discussões, mas jamais nos desrespeitamos, embora em nosso último encontro (de 45 anos), em determinado momento me pegou pelo braço e disse-me, enfaticamente: “não queria morrer sem pedir desculpas por ter sido muito agressivo com você durante nossas discussões!...” Não consegui evitar a ironia ao responder-lhe que havia ficado “tão magoado e ressentido que nem me lembrava de nada!...” Realmente, jamais Kleis me magoou... claro que nossas discussões eram acaloradas: ele considerava os EUA a “pátria da liberdade”, enquanto eu estava convicto que essa “pátria da liberdade” era a União Soviética. Ambos estávamos equivocados: eu mais que ele. Enquanto minha “musa” era a Rosa Luxemburgo, a dele era a Marilyn Monroe!...

Falando em agressividade, quem conviveu em uma “república de estudantes” com alguém como o Edson Mello Rocha, o “Fradinho”, teve uma ótima chance de aprender a lidar e até a conviver com a agressividade. Começando pela enorme capacidade para criar apelidos (todos, atualmente, politicamente incorretos), frases ofensivas e até escrever cartas para o “Cantinho Sentimental” de Zuzu Vieira, com pseudônimos que sugeriam alguns colegas de turma (por exemplo, “o homem mais bonito de Itapira”). Para ele, Dalton era apelidado de “o Mãozinha”; Shigeru, “o Japonês”; Bianchi, o “Cheiroso”; Kleis, acho que era o “Freud de Bauru” ou “o Filhinho da Mamãe”; para mim, era toda a minha família: “em Mato Grosso, Barbosa que num tá preso, tá babando”. Tudo com gestos irônicos, às vezes obscenos, sempre altamente agressivos, que pareciam ter inspirado o icônico personagem do Henfil, Fradinho. Daí ter recebido o apelido “Edson

Fradinho”, para também diferenciar do “Edson Cocô Parrudo” e do “Edison Jundiaí”. Foi uma convivência desafiadora para todos naquele ano tão difícil, mas muito humana e pedagógica. A nota triste para todos nós foi o “tiro que o Bianchi levou no ombro”, no dia 22 de outubro, em um cruel ato de repressão do regime militar, que ceifou a vida de Luiz Paulo da Cruz Nunes, aluno do segundo ano.

Fiz parte de duas outras “repúblicas”, no mesmo edifício. A segunda, também, em um apartamento de dois quartos e mais um quarto pequeno próximo a área de serviço e cozinha. Um dos quartos era compartilhado por Valny Laurini e Edson Luiz Arruda, “o Jundiaí”; o outro, por Valdemir Scaranello, “o Cabelinho” e eu. No terceiro quarto, solitário, o João Teté. Ficamos um bom tempo nesta “república” e foi uma convivência também muito agradável e enriquecedora, com direito a ouvir “Cabelinho” cantando no “Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Cara de Boi”. Lembro-me bem de parte das letras de algumas das músicas, como essa, “o professor me disse/que o amor é como o pirulito/começa com açúcar... e acaba no palito...”. Dois destes, também, não mais estão entre nós: “Cabelinho” e Edison “Jundiaí”. Este teve uma morte trágica, poucos anos depois de formado. “Cabelinho”, figura alegre, “meu irmãozinho querido”, exemplo de alegria de viver, por isso mostrou toda sua resiliência ao enfrentar, por vários anos, uma grave neoplasia.

A última “república” de que fiz parte ficava no último andar do mesmo prédio, e era composta por Valny e Jundiaí, Olavo e eu, e um aluno do quarto ano (estávamos no quinto ano), chamado Carlos Alberto, que, solitário, ficava com o “quarto dos fundos”. Também uma enorme experiência de convivência e compartilhamento de sonhos e afetos. Uma ocorrência inesperada foi, em uma dada madrugada,

ter sido despertado por uma “visita” do DOI-CODI da Rua Barão de Mesquita, que procurava por um de nossos colegas de turma. Como eu era o único que tivera contato com este colega nos dias anteriores, fui levado, junto com a então namorada dele (que viera conduzida pelos agentes), para o Quartel da Polícia do Exército da Barão de Mesquita, sendo interrogado e liberado, com orientações coercitivas.

Como aluno da FCM, posso dizer que tentei ser um estudante “esforçado”. Nunca estive entre as melhores notas, mas sempre fui muito bem acolhido por colegas e professores. Muitos destes, lembro com muitas saudades e gratidão. Acho que me encontrei mais na Clínica, isto é, nas atividades dentro do Hospital. Na área básica eu me sentia muito perdido, e estudava para passar e me livrar daquelas matérias pesadas, que exigiam memorização de termos e definições. Fui sempre da 3ª Cadeira de Clínica Médica, do Professor Américo Piquet Carneiro, desde o terceiro ano, quando lá fiz a Semiologia Médica. Vários de seus professores me marcaram muito: Fernão Pougy, Vilma Santana, Artur, Chastinet, Dino (Bernardino Correa), Albieri, Regazzi, Paulo Cesar Bacha, Bruno, Rosa, José Carlos (da Rosa), José Carlos “Pintinho”, Paulo Batista de Oliveira, o “PBO”, Ângelo Failace e, sem dúvida, o próprio Professor Américo Piquet Carneiro. Sei que posso ter esquecido alguns, mas a amostra é de grande valor. Muitos momentos de grande aprendizagem, entre os quais lembro, com muita gratidão, as reproduções das “sessões anatomoclínicas” do *New England*, separatas traduzidas para o português ou espanhol, adquiridas pelo Professor Piquet e ministradas pelo Professor José Carlos Moreira Soares (“Pintinho”), que apresentava os *slides* e conduzia as discussões. Foi um momento ímpar em minha formação!...

O Internato, no sexto ano, foi outro momento de enorme aprendizado e convivência nos plantões, inclusive os de fins de semana,

nas enfermarias e no Ambulatório de Medicina Integral. Em todos esses locais aprendi muito, podendo desenvolver habilidades que eu desconhecia em mim. Mas aqui preciso relatar uma experiência que, por ser inesperada e potencialmente frustrante, paradoxalmente, me capacitou e habilitou para o que me aconteceu no futuro. No final do 4º ano da Faculdade, havia uma prova de seleção para “Acadêmico Bolsista da SUSEME”, órgão da Secretaria Estadual de Saúde. Fui aprovado, mas com uma classificação muito abaixo do que esperava e, para me deixar mais frustrado ainda, vários colegas que “não eram muito chegados a estudar” passaram para os melhores Hospitais (Souza Aguiar e Miguel Couto). Resultado: fui aprovado para um hospital do qual nunca ouvira falar: “Hospital Estadual Padre Olivério Kraemer”. Mas, paradoxalmente também, foi uma das melhores coisas que aconteceram em minha vida: “caí” em uma equipe de plantão que acrescentou tanto em minha formação, que costumo insistir que lá foi minha “segunda Faculdade de Medicina”. Entre tão bons preceptores que lá encontrei, um deles continuou sendo um grande mentor para mim, por muitos e muitos anos, até sua morte: Virgílio Pinho da Cruz. Além de ter me ensinado, naquele hospital pobre e que atendia tanta gente carente, que, independentemente dos recursos técnicos e tecnológicos de que dispomos, precisamos procurar “fazer toda a diferença para o paciente, com os meios de que dispomos”, sem cair na retórica fácil de “ficar amaldiçoando a escuridão”. Ele não só falava, mas exercitava esta prática, ao ponto de me sentir o mesmo lá, no Hospital Pedro Ernesto ou na Casa de Saúde São Miguel, onde comecei também a trabalhar pouco depois de concluir o curso. Acho que foi sob a preceptoria de Virgílio que comecei a me sentir verdadeiramente médico.

Nossa formatura também foi um momento muito emocionante. A escolha de nosso paraninfo foi um momento de alguma disputa na turma, mas creio que todos ficaram satisfeitos com o resultado: o professor de Microbiologia, Ítalo Suassuna. Nosso patrono, Manoel de Abreu, que não chegamos a conhecer, mas que foi o inventor de um exame radiológico: a abreugrafia. E nosso orador da turma, Raji Rezek Ajub. O Diretor da Faculdade de Ciências Médicas, quando nos formamos, era o Professor Jaime Landmann, pessoa que passei a conhecer melhor através do Virgílio Pinho da Cruz e, depois de formado, também na Casa de Saúde São Miguel e, como Diretor-Geral do HUPE durante a residência médica e nos primeiros anos como docente da FCM.

A seleção para a Residência Médica foi um momento de muita apreensão e ansiedade, mas também de muita alegria e esperança. Fui classificado em segundo lugar para a Clínica Médica, após meu colega de turma, Luzer, que ficou em primeiro. Passei a morar no alojamento dos médicos residentes, no atual Edifício Américo Piquet Carneiro. A escolha pelas enfermarias ligadas ao Professor Piquet apenas reforçou um vínculo já em andamento desde o terceiro ano. Foi um período de não só consolidar uma formação médica clínica, mas especialmente um constante exercício de aprendizagem para assumir responsabilidades crescentes. Ainda no primeiro ano da Residência, fui indicado para vice-chefe do Plantão Geral. Com o abandono da Residência pelo então chefe, Nelson Valverde, assumi a chefia de uma das equipes de plantão, ainda como R1. Aprendi muito nesta condição, especialmente a enorme e desafiadora complexidade de tentar liderar pessoas. Alguns meses depois, fui procurado pelo jovem Professor Ricardo Donato, dizendo que havia sugerido meu nome para ser seu substituto em um plantão fixo da Casa de Saúde

São Miguel, em Botafogo. Aceitei a sugestão e fui ter uma conversa com um dos responsáveis – o Professor Aluisio Amâncio – que me marcou por uma frase: “Chico, você não vai ganhar muito, mas vai aprender muita medicina!” Ele estava duplamente correto.

Menos de um semestre depois, o Virgílio sugeriu meu nome para ser contratado, como segundo clínico, para o seu plantão do Hospital Estadual Padre Olivério Kraemer. Continuei meu aprendizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, ao lado de meu grande preceptor. Ainda como médico residente do HUPE, tive mais uma experiência gratificante e generosa de meu maior mentor, o Professor Américo Piquet Carneiro. Era o Diretor do Centro Biomédico e me convidou para dar aula em uma “Disciplina Experimental” cuja implantação ele havia estimulado na Faculdade de Odontologia, algo como “o ensino da Semiologia Médica para estudantes de Odontologia”. Foi minha primeira incursão formal como professor, ainda que em uma disciplina experimental e na condição de médico residente. Infelizmente, meu programa de residência terminou e eu, por imaturidade e uma certa arrogância de jovem médico, não aproveitei melhor essa oportunidade.

O retorno à Universidade como docente da FCM, pouco mais de dois anos após a conclusão da residência em Clínica Médica, retomou *in loco* meu vínculo com a FCM e com o HUPE. Mais que isso, para compor a primeira equipe docente de mais um legado do Professor Piquet, uma vez que o Ambulatório de Medicina Integral havia sido uma idealização dele, na segunda metade dos anos de 1960. Foram criadas cinco vagas de docentes para o AMI, que seriam selecionados entre as cinco indicações da Clínica Médica I (Professor Piquet) e cinco indicações da Clínica Médica II (Professor Landmann). Tive o privilégio de ser o único a ser indicado pelas duas lideranças (Piquet e

Landmann), o que me proporcionou uma calorosa acolhida do então Diretor da FCM, Professor Ítalo Suassuna, a quem caberia a palavra final. Foi mais uma oportunidade que tive para falar do orgulho que sentimos por ter sido nosso paraninfo. Liderado pelo Professor Ricardo Donato Rodrigues, tive a honra de fazer parte do grupo que construiu o primeiro Departamento Acadêmico de Medicina de Família no país.

A FCM e o HUPE e, por extensão, a UEG/UERJ, foram desde 1968 as mais permanentes referências em minha vida: onde aprendi, desaprendi e reaprendi as questões mais importantes de minha existência. Aliás, continuo vivenciando essas experiências, pois apesar de estar aposentado compulsoriamente (atingi a idade limite), tenho a honra de ser o primeiro diretor-geral do Hospital Universitário Reitor Hesio Cordeiro, da UERJ, em Cabo Frio.

Olhando para trás, para o passado e, como se diz em meu saudoso Mato Grosso do Sul, “desde que me entendo por gente”, nada fiz sozinho: do mais humilde trabalhador na fazenda de meus pais, passando por meus irmãos e outros parentes, todos trabalharam e me incentivaram para seguir em frente. Nessa minha caminhada fui encontrando pessoas, em uma espécie de universo em expansão, que foram me enriquecendo e contribuindo para que minha vida, cada vez mais, significados tivesse. Impossível quantificá-las: foram tão numerosas e fundamentais em minha história de vida. Parentes, padrinhos, professores e colegas de turma – do primário às pós-graduações –, colegas de trabalho, alunos e pacientes, das mais variadas instituições por onde passei – de dias a décadas –, e por fim, os núcleos familiares, de meus três “casamentos”, minhas filhas, genros e netos. Aprendi e continuo aprendendo com todos, sem nenhuma exceção!

■ A TURMA DOS NERDS

Marilia de Brito Gomes

Em 1968, ao entrar na FCM, última turma da UEG, me deparei com um mundo novo e fascinante. Eu, filha de um militar e de dona de casa, tinha finalmente conseguido realizar um sonho. Tinham traçado para mim um outro destino: seria professora primária, para ter férias escolares em conjunto com os filhos (vejam, já tinham me casado e me feito mãe). Fiquei na FCM porque eu era tijuicana raiz: quatro irmãos que estudaram no Colégio Militar e eu, como era o habitual naquela época na Tijuca, no Instituto de Educação!

O meu ensino médio foi uma loucura, pois eu fazia o normal pela manhã e o Colégio Estadual Joao Alfredo à noite. No terceiro ano, fiz o cursinho Miguel Couto, e já fiz amizade com alguns promissores *nerds*: Luzer, Tadeu Luchesi e Pádua. Ser aluno da FCM naquela época era muito bom, porque havia uma relação muito próxima com as outras turmas mais adiantadas, pois tínhamos um lugar de encontro: no Moisés livreiro e na cafeteria que ficava no segundo andar do hospital.

Bem, quem já foi *nerd* uma vez sabe que esta tribo se atrai e foi isso que aconteceu no início do primeiro semestre da FCM. Devagar, fomos formando um grupinho (acho que meio de nariz empinado) e nos organizando. Na *tchurma*, tínhamos várias faixas de *nerds*: os raiz, eu, Alexandre (Reizinho), Suzana (Sochana), Messias, Stella Mariz, Sandra, Sergio Maluco e... em ordem se agrupavam os outros

grupos *nerds*. Para começar, nos sentávamos na primeira fila, perto da porta, para ouvir todos os detalhes das aulas, incluindo os não usuais. Tínhamos que anotar tudo. Nas filas subsequentes sentavam-se os outros grupos de *nerds* como Luzer, Pádua, Tadeu, Stela, Taninha Baiana, Ingrid, Cadu, Bebel, Inez Zita, Petean, Xaxa, Ragi, Salomão, Helenice, Brasil, Villano, Tannure, Marli, Pedro Lobianco e outros; atrás, os *nerds* que circulavam muito bem entre todas as tribos, como Tania, Frederico, Nadia, Mauricio, Chico Barbosa, Dal Poz, Cecil, Gerson, Azzini, Valdemir Scaranelo, Dalton e Kleiss

Cabelinho, Vicenzo, Hugo, Rita, José Roberto, Ricardo Onofre, Vicenzo e outros, lá no final da sala, sentavam-se os da *tchurma* da pesada, a COMFODI, sempre alegres, faceiros e movimentando o ambiente: Augusto, Renato Graça (Renato Cabeça), Reinaldo (que foi apelidado carinhosamente de Dinossauro por que era e ainda é muito forte), Edson, Claudio, Serginho, Olavo, Mario Rogerio, Paulo Cesar (PC), Miguel, Ballester, Fernando, Toninho e outros...

Pelo que me lembro, nesse grupo não havia nenhum representante feminino. No término das aulas, e no intervalo para a maratona vespertina, íamos para a biblioteca, que era muito diferente da atual, e juntávamos as anotações; fazíamos o ponto sobre o assunto que cada um completaria em casa com títulos e subtítulos coloridos que trazíamos prontos para a próxima aula. As funções eram bem estabelecidas pelo grupo. Anos depois, em nossos encontros, fomos saber que nossos pontos eram disputados e deles faziam apostilas que eram vendidas para o resto da *tchurma* (na época não havia xerox! E, portanto, eram copiados em mimeógrafos!).

Não podemos esquecer que as aulas eram nos mesmos anfiteatros de hoje, mas evidentemente sem ar-condicionado e, portanto, com

as janelas escancaradas. Frequentemente, a turma acima da nossa ficava desfilando lembretes ou colas com barbante pela janela. Até hoje me pergunto como, sem sentir, os grupos foram se organizando e de modo geral se dando muito bem. Apesar da ditadura, eu, filha de milico, vivia um momento muito feliz, e acho que a maioria da *tchurma* também. As assembleias eram momentos de presença obrigatória e vibrávamos em poder expressar nossas opiniões, votar e piscar o olho para as *tchurmas* acima da nossa (nossos ídolos!!!). Era o nosso empoderamento juvenil!!!

Nosso primeiro ano foi vivido em torno desse movimento estudantil, mas jamais esquecendo a nossa *nerdice*, que tinha inclusive pseudópodes em outras universidades, como UFRJ, com Lamy e Galego; UFF, com Doc Comparato. Organizávamos encontros aleatórios na casa de cada um para discutirmos as matérias. Era uma *nerdice* total, mas sempre entremeada por saídas culturais, como concertos e filmes que passavam no Paissandu, só de diretor cabeça como Glauber Rocha, Truffaut, Visconti. Saíamos desses filmes discutindo tudo, mas tenho certeza de que o nosso entendimento não estava à altura da discussão cabeça que fazíamos. Geração Paissandu! Discussão cabeça! Que saudade...

Os dois primeiros anos do nosso curso foram apenas de cadeiras básicas e todas foram terríveis e me marcaram muito: Histologia, com o Prof. Basófilo (apelido dado pelos alunos); Bioquímica (Hugo Castro Faria), Patologia, Parasitologia (Touro Sentado), Anatomia (Prof. Cardoso de Castro Neves (pai do hoje professor de Oftalmologia Ricardo Neves), Euris Dalalana; e Biofísica (Prof. Alcântara Gomes e Efroin, apelidado de Mapa do Inferno). Eram matérias com grande índice de reprovação e dependência. Em particular, a Bioquímica me marcou muito, pois o professor tinha como princípio básico que todos

os alunos tinham que saber a fórmula da glicose e demais açúcares e do glicogênio para o qual ele tinha particularmente uma paixão desenfreada. A marca desta matéria foi tão importante na minha vida profissional que durante anos eu achava importante para a formação dos residentes da Disciplina de Diabetes termos uma parte teórica de Bioquímica que era dada por um professor da mesma (inclusive o filho do prof. Hugo, o Prof. Mauro Castro Faria).

Ao começarmos o terceiro ano, acho que todos tiveram a mesma sensação: como era obrigatória a roupa branca e como a maioria pendurava o estetoscópio no pescoço, nos achávamos empoderados, pois já nos achávamos médicos prontos para a labuta da profissão. Naquela época, vestir a roupa branca e circular pelo hospital era um sonho que começava a se realizar. Tínhamos também duas cadeiras básicas terríveis: Fisiologia (Prof. Arnaldo Rocha) e Farmacologia (Prof. Paulo de Carvalho, fundador da FCM).

Na Clínica Médica, os *nerds* foram quase todos para a clínica do Prof. Landman, que adentrava na enfermaria com um jaleco branco enorme e pegava sempre um pobre aluno para fazer perguntas impossíveis de responder. Morriamos de medo dele, o que sempre era amenizado por seus assistentes (Isac Obadia, Ivan Moreira e Celso) e o chefe de clínica Aloísio Amâncio. As enfermarias de Clínica Médica e Cirúrgica eram conhecidas pelo nome de seus professores titulares, que da minha lembrança foram: Landman, Piquet Carneiro, Feijó, Magalhães Gomes, Lafayette, Peixoto, Mariano de Andrade.

Nossos sábados eram marcados por duas matérias: Microbiologia, com o Prof. Suassuna (a tarde com parte teórica e prática, o que era de matar qualquer mortal e pela manhã (que até agora não chegamos a um acordo): Psiquiatria ou “Psicologia” com professores memoráveis:

Raul Bittencourt, que ia de Fusca com chofer, sentado no banco de trás com um chapéu panamá; Frida, que chegava com batom formando um coração; e o Caetano, que conseguia não emitir uma gota de suor com camisa, gravata e jaleco nas salas sem ar-condicionado. O Prof. Bittencourt, em uma aula, começou a perguntar qual a especialidade que iríamos seguir, e depois falou uma frase que me marcou muito: “os médicos escolhem a especialidade para resolver seus problemas e de sua família e também de acordo com seus instintos: os maternais iriam para pediatria; os resolutivos, para cirurgia; os atletas, para ortopedia”. E os clínicos? Ele não conseguiu explicar bem, mas na sua opinião eram os mais indecisos!

No quarto ano, com a divisão da *tchurma* pelas especialidades clínicas e preparação para a prova da SUSEME, não tínhamos muitas aulas em comum com todos, e os encontros persistiam no livreiro, no memorável Botafogo e no Centro Acadêmico. Ao final do quarto ano, a maioria prestou o concurso da SUSEME e entrou como plantonista para as emergências públicas.

No quinto ano, tínhamos as especialidades cirúrgicas, entre as quais Oftalmologia, cujo Prof. Titular, Prof. Duque Estrada, aguardava os alunos se levantarem quando entrava no auditório da Oftalmo e Ortopedia. A nossa *tchurma* talvez tenha sido a que mais formou ortopedistas na UEG, fazendo posteriormente uma escola no INTO.

Nessa época chegava a maturidade e com ela as escolhas e concursos. A adolescência tinha passado e a vida adulta, com suas escolhas muitas vezes difíceis, havia chegado. Enquanto escrevia este texto, a memória fotográfica daquela época veio muito forte, e fiquei pensando como os *nerds* e a *tchurma* da pesada se mesclaram em um mesmo universo, que hoje forma essa grande tribo de médicos já na terceira idade e

que este ano completa 50 anos de profissão. Hoje agradeço por esse convívio com todas as tribos da *tchurma* que me ensinaram a rir mais e aproveitar aqueles anos da juventude!!!

A UEG foi um grande estímulo para minha vida acadêmica, de formar jovens e de acolher os pacientes de forma humanitária. O HUPE/UERJ sempre foram minha segunda casa, na qual estou há 56 anos e começo a me despedir!!!

Acho que todos nós, de diversas maneiras, retribuímos à nossa instituição e à sociedade tudo aquilo que recebemos durante os anos de graduação.

Parabéns a todos nós e saudades dos que nos deixaram!!!

■ LEMBRANÇAS E AFETOS

Mario Roberto Dal Poz

Procurei neste texto apresentar, de forma narrativa na primeira pessoa, algumas passagens que ainda resistem na minha memória, a partir da minha trajetória, pessoal e profissional, relacionadas à Faculdade de Ciências Médicas da antiga UEG, hoje UERJ.

Nossa vida na Faculdade de Ciências Médicas, entre os anos de 1968 e 1972, foi intensa e cheia de acontecimentos marcantes, especialmente os movimentos políticos e sociais que influenciaram diretamente a vida acadêmica e o contexto histórico do país.

Para começar, é importante ressaltar que esse período coincidiu com um dos momentos mais efervescentes da história brasileira: o movimento estudantil de resistência à ditadura militar. A maioria de nós, engajados ou não, éramos ávidos por mudanças e encontramos na faculdade um espaço para nos expressarmos e lutarmos por nossos ideais.

Quando iniciamos o curso, em março de 1968, já haviam se passado quatro anos desde o golpe de 1964. Todos devem se lembrar o papel que os estudantes desempenhavam na luta contra a ditadura militar, participando de greves e manifestações cada vez mais frequentes em todo o país. Além disso, a FCM estava passando por uma grande ebulição, devido à redução e posterior desaparecimento do regime de cátedra e ao estabelecimento do sistema departamental no ensino brasileiro, associado a uma conjuntura específica de crise do crescimento.

Logo no primeiro semestre de 1968, o CASAF (Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming) divulgou os resultados de um inquérito aplicado aos alunos da FCM sobre o ensino na faculdade. Os resultados foram expostos em grandes cartazes nas paredes da faculdade e do hospital. O inquérito apontava problemas como a irresponsabilidade da escola frente aos problemas da sociedade, o aprendizado baseado na memorização em vez do raciocínio e a falta de diversidade de cenários de prática para os estudantes. Essas críticas geraram uma reação negativa por parte dos professores, mas também estimularam os estudantes a participarem das discussões e a lutarem pela reestruturação do ensino médico, inclusive os alunos do primeiro ano, como eu e meus colegas.

Nesse quadro, as atividades estudantis na Faculdade de Ciências Médicas eram diversas e abrangiam desde eventos acadêmicos até encontros culturais. Os alunos organizavam palestras, seminários e debates sobre a reestruturação do ensino médico, mas também sobre os eventos políticos.

No campo das atividades culturais em torno do CASAF, destacava-se o CICHEME - Cine Clube Ciências Médicas, que me atraía pelos filmes que eram apresentados e os debates sobre o novo cinema italiano, as descobertas de Goddard etc. Foi aí que aprendi a gostar de cinema e fiz amigos para a vida, como Fritz Utzeri.

No entanto, nem tudo eram flores. A repressão política também se fazia presente no ambiente acadêmico. A ditadura militar impunha uma série de restrições e perseguições aos estudantes considerados subversivos. Muitos enfrentaram dificuldades para se expressar e tiveram que lidar com a censura e a vigilância constante. Mesmo assim, a faculdade se tornou um espaço de resistência, onde a voz dos estudantes ecoava e se fortalecia.

Com o passar dos anos, a repressão política se intensificou e muitos estudantes foram perseguidos, presos ou exilados. A universidade foi alvo de intervenções e teve sua autonomia cerceada. A vida estudantil, que antes era tão efervescente, foi aos poucos se extinguindo.

Hoje, olhando para trás, podemos ver como esses anos foram marcantes na história da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara. Os estudantes daquela época deixaram um legado de lutas e conquistas, que até hoje inspiram os jovens que passam pelos corredores dessa instituição.

A luta por melhores condições de ensino na FCM me levou ao engajamento no movimento estudantil mais geral e à luta contra a ditadura. Foram tempos difíceis, na defesa intransigente da democracia e dos direitos humanos, na solidariedade e na amizade.

A lista daqueles com quem compartilhei o dia a dia naqueles anos de chumbo é extensa, mas não posso deixar de citar alguns nomes que tiveram influência significativa nas minhas escolhas políticas e com quem mantive uma amizade duradoura. David Capistrano Filho, Aluísio Teixeira e Telma Ruth Pereira, que já nos deixaram, além de André Campelo e Mauro Malin. A lembrança dessas pessoas me emociona até hoje. Também é importante mencionar os muitos “companheiros do PCB” com os quais convivi nas aulas ou fora delas, dentro ou fora da UERJ, em tempos que às vezes eram subtraídos do estudo, na turbulência das reuniões. Jane Sayd e Eduardo Faerstein são dois exemplos desses companheiros, com os quais mantenho relações de amizade e trabalho até os dias de hoje, no Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro (IMS-UERJ).

Registro ainda, com orgulho e emoção, a enorme influência que tiveram sobre mim os fundadores do IMS: Hésio Cordeiro, Moisés Szklo e Nina Pereira Nunes. Nada que eu possa descrever ou adjetivar

pode expressar, adequadamente, o papel que cada um deles teve na minha trajetória profissional, política e mesmo pessoal, inicialmente como auxiliar de pesquisa ou monitor na graduação e, mais tarde, compartilhando o trabalho no próprio IMS e em outras instituições no sistema de saúde no Brasil, como as secretarias de Saúde e o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps). Guardo com afeto o sentimento de ter partilhado com eles uma sincera amizade, como também a consciência e a indignação diante das desigualdades e injustiças, que ainda predominam na situação de saúde e na vida da população brasileira.

Ainda durante a graduação, Hésio, Moisés e Nina me “puxaram” para a Medicina Social. Em 1969, eles iniciaram uma *proto-disciplina*, dentro da “cadeira” de Clínica Médica do Prof. Américo Piquet Carneiro e, para a tarefa, foram incorporados alguns monitores do terceiro ano, como Telma Ruth Pereira, Marcos Moreira, Maria de Lourdes Montedonio e eu, do segundo ano. Posteriormente, foram selecionados colegas da turma iniciante a essa disciplina, como Luís Gawrichevsky, José Marcos Chaves Ribeiro, Mourad Ibrahim Belaciano, Rosalina Elias Jorge, Sérgio Koifman e Jane Sayd.

A simples discussão de capítulos do livro de Bioestatística de Bradford Hill, de Epidemiologia de Armijo Rojas e de Abraham Sonis, ou a distribuição da apostila mimeografada (e geralmente borrada) sobre “indicadores de saúde”, de autoria do Prof. Guilherme Rodrigues da Silva, da Universidade de São Paulo (USP), ou ainda, as discussões sobre o livro *Ensaio médico-sociais* de Samuel Pessoa, com todas as evidências de como as doenças se manifestam com diferentes taxas em diversos grupos da população, eram motivo de suspeitas e dúvidas gerais na faculdade e entre os próprios colegas.

A participação nessa disciplina, então quase marginal, evoluiu para os contatos sempre prazerosos e curiosos sobre a assistência médico-previdenciária, com Carlos Gentile de Melo e outros tantos. A afeição por esses saberes e experiências quase que configurava uma outra universidade, um outro universo. Esses tempos, que no processo faziam história, foram vivenciados por muitos personagens, intensamente, com as discussões que continuavam no “Bar do Botafogo”, na rua em frente à faculdade.

Posteriormente, essa disciplina foi incorporada ao Departamento de Higiene e Medicina do Trabalho, base para a fundação do IMS.¹

Mesmo com essa influência, desde o quarto ano tive grande contato com a Pediatria e terminei fazendo o internato com ênfase nela. Ao final de minha graduação como médico, me submeti com sucesso ao processo de seleção para o Programa de Residência Médica em Pediatria no HUPE (1974-1975), que deu condições de exercer a clínica por muitos anos, trabalhando em emergência pediátrica e mesmo neonatologia. Nesses três anos (internato e residência), tive o privilégio de partilhar da amizade e da influência de Edna Ferreira da Cunha, importante pediatra, falecida recentemente.

Terminando a residência, e já trabalhando como pediatra, fui fazer o Mestrado em Medicina Social no IMS/UERJ (1976-1981), sob orientação do Prof. Hugo Coelho Tomassini,² que me ajudou

1 Alguns detalhes dessa história até 2001 podem ser vistos em Sayd, JD. Instituto de Medicina Social: trinta anos de medicina social em 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v11n2/a01v11n2.pdf>. E também em <http://www.abrasco.org.br/site/2014/11/programa-de-pos-graduacao-em-saude-coletiva-da-uerj-comemora-40-anos/>.

2 Professor de saúde comunitária da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, e, à época, Secretário Municipal de Saúde de Niterói.

a analisar o tema da organização dos serviços de saúde em nível municipal, a partir de uma perspectiva histórica e do trabalho na Secretaria Municipal de Saúde de Niterói.

Paro aqui as lembranças relacionadas à FCM, pois a partir de 1976, minhas ligações com a, agora UERJ, se concentraram no Instituto de Medicina Social, onde, em 1981, iniciei minhas atividades como professor-assistente e hoje sou professor titular.

■ UM POUQUINHO DA MINHA HISTÓRIA

Mário Rogério Cardoso

Em meados dos anos 60, durante o regime militar no Brasil, muitas coisas mudaram no cenário educacional do país. Foi nesse período, em 1966, que findo o primeiro semestre do curso colegial voltado para Humanas, à época denominado “curso clássico”, tomei a decisão que mudaria minha vida: propus-me, em vez de seguir o caminho da Sociologia na USP, devido ao fechamento da faculdade pelo regime militar, a fazer um curso pré-vestibular intensivo no Curso 9 de Julho, em São Paulo, e prestar vestibular para Medicina.

A decisão não foi fácil, já que o curso clássico tinha uma grade de matérias inconformes com as de conhecimento obrigatório para os cursos universitários de Exatas e precisaria me dedicar ainda mais para conseguir passar num vestibular para Medicina. No entanto, me apoiando no dito popular de que “de médico e de louco, todo mundo tem um pouco”, toquei em frente.

O curso pré-vestibular “9 de Julho” foi intenso, com aulas diárias e muitas horas de estudo em casa. Mas, mesmo buscando o meu máximo, não consegui passar nos exames vestibulares para Medicina naquele ano. No entanto, conquistei amizades no cursinho, em especial as dos professores de Física (João Carlos Di Genio) e Biologia (Roger Patti), que junto com outros dois sócios, Tadasi Ito e Dráuzio Varella, haviam fundado um curso pré-vestibular em 1965 de nome “Objetivo”

e me aconselharam a frequentá-lo e perseverar. Tendo me formado no colegial, aceitei o conselho do Di Genio e do Roger e, em janeiro de 1967, iniciei o cursinho extensivo do Objetivo, no qual fui colega de classe do querido e saudoso Valdemir Scaranello, o “Cabelinho”.

Ambos tivemos sucesso no vestibular da FCM-UEG e mantivemo-nos amigos desde então até o dia do seu falecimento (RIP).

Rio de Janeiro 1968, tudo de bom e de mau!

Nascido em Recife por acaso, dado a não ter família em Pernambuco, sobrevivente de uma difteria (crupe) em 1949, aos 9 meses, graças ao Nobel Sir Alexander Fleming, fui criado no Jardim Paulista, bairro da classe média paulistana. “Dei com os costados”, pela segunda vez no Rio de Janeiro aos 19 anos de idade (a primeira havia sido aos 15 anos, quando passei para a Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica – EPCAR, em 1964 - Oxa!).

“Cidade Maravilhosa e de encantos mil”, para desfrutá-la fui me ajeitando numa república fundada por cinco elementos: um acadêmico de Medicina do 3º ano da UFRJ (Edson Baptista, fluminense de Campos – “Papa Goiaba”); dois acadêmicos de Medicina do 2º ano da UFRJ (Salomão Chodraui, paulista de Brodowski, terra do Cândido Portinari, e Victor Paoliello, capixaba); e dois calouros da FCM-UEG (Márcio Ofir Carlomagno, nosso ex-colega que desistiu do curso findo o primeiro ano, e eu). Nossa república ficava na esquina da Rua Miguel Lemos com a Av. Atlântica, Edifício Ouro Negro, no Posto 5, em Copacabana, que ainda existe. Vi a duplicação da Av. Atlântica. Só alegria!!!

O Estado da Guanabara era governado por Francisco Negrão de Lima, mineiro de Nepomuceno, filiado ao PSD e eleito em pleito direto. Foi mantido governador apesar do AI 2, que extinguiu partidos e limitou a representação política a dois: Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Obedecendo a minha fé na democracia, filiei-me ao MDB.

O primeiro impacto positivo que tive na FCM-UEG foi a adoção do “trote civilizado” e que pode ser condensado num episódio por mim vivido: fui almoçar na “Cantina do Seu Arnaldo e da Dona Otília”, frequentada também por uma paciente da psiquiatria, imbuída da certeza de que era uma rainha. Pois bem, abordado por ela, informou-me, delicadamente, que eu era seu súdito. Logo aquiesci, meio temeroso em contrariá-la, apesar da advertência feita por outros presentes de que “a rainha” não era uma pessoa agressiva. Durante o fato, fui indagado se eu era calouro por dois elementos que se apresentaram como alunos veteranos. Diante da minha afirmativa, deram-me as boas-vindas e me explicaram que o trote havia sido trocado por uma recepção amistosa e, por tal, eu acabara de ganhar o pagamento do refrigerante (guaraná) que eu pedira para acompanhar o almoço. Bom começo. Um dos pagantes foi o João Salgado que, à época, penso, já namorava com a Evelyn (Eisenstein).

Fui me “enturmando” aos poucos e muito às custas do CA Sir Alexander Fleming (descobridor da medicação que me salvara aos 9 meses de nascido!!!), onde havia um piano desafinado, uma bateria e um contrabaixo que eu costumava torturar para acompanhar o surrar da bateria feito pelo Leopoldo (RIP) e os gritos e sussurros desafinados (e suplicantes!?) do piano, extraídos por algum executante, não importava quem.

A mesada recebida, com certa frequência e por meu descontrole, terminava antes de findo o mês, fazendo com que eu recorresse, eventualmente, aos “adiantamentos” feitos por um velho amigo de meu pai e da minha família. Sr. Gabai (RIP), meu grande socorrista! Mantenho laços de amizade com seus filhos até a presente data. E lá se vão mais de 60 anos.

No primeiro e segundo anos, complementava a mesada com trabalhos fixos, como na Creditum, Títulos e Valores Mobiliários S.A., ou temporários, como, por exemplo, aulas no curso de Artigo 99 do Waldevino Luiz Vieira, o da piteira, nosso colega. Arranjei posições de trabalho na Creditum para o Reinaldo (Dino) e Cláudio Agápio (Kagapio), que desistiram, pois não tiveram muito sucesso em suas operações de vendas. No Artigo 99 do Vieira também lecionou o saudoso colega e querido amigo Dalton (RIP). Quanto ao Dino, à Creditum, preferiu um trabalho temporário na Mesbla!

No dia 28 de março de 1968, uma quinta-feira, saí de casa em Copacabana por volta das 18h30min para dar aula de Biologia, como voluntário, no curso preparatório que era mantido pela Frente Unida dos Estudantes do Calabouço (FUEC), entidade representativa presidida por Elinor Brito. Em lá chegando, a confusão era grande e não consegui entrar, tendo sido informado de que a polícia havia baleado e matado algumas pessoas e que tinham transportado o corpo de uma delas para o prédio da Assembleia Legislativa. Dirigi-me então para lá, onde jazia o Edson Luís. Assim encerraram-se as minhas aulas no Calabouço, porém, iniciou-se a minha aproximação e simpatia mais explícita aos movimentos não armados de oposição ao governo militar.

Fui, junto com o Celso Mello Bastos (Mieloblasto – RIP), segurança do Vladimir Palmeira, um dos fundadores do PT que, por discordâncias e após ganhar na “Mega”, hoje está no PSB. Patético, eu “MAGRO Rogério”, por volta de 60kg, segurança pessoal do Vladimir Palmeira. Pirandello dizia que “o italiano seria o filho da anedota”, penso que por não ter conhecido o Brasil!

Passeata dos 100 mil, na qual Miguel Mattoso Contino (Macu) foi preso

Um arrependimento que tenho foi ter sugerido ao Miguel que fosse à passeata. Foi, mas, como bom “Macunaíma”, ficou entediado e optou por tomar uma caipirinha num boteco nas proximidades. Ato contínuo, a tropa de choque chegou, provocando um rebuliço e fazendo com que o dono do bar fechasse a porta. Macu, obediente à “Lei de Gérson”, saltou para fora do estabelecimento, feliz de não ter que pagar a caipirinha. Revistado pelos PMs, foi acusado de estar com um copo (o da caipirinha!!!) para arremessar na tropa. Surreal, “entre tapas e empurrões”, prisão na cocheira da Cavalaria da PM, com subsequente transferência para o Pavilhão de São Cristóvão (Presídio Evaristo de Moraes, na Quinta da Boa Vista) e daí para o Pedro Ernesto, por conta da hepatite adquirida nas andanças prisionais. Miguel Macu foi “salvo” graças a persistência e espírito democrático do Prof. Américo Piquet Carneiro, que usou da sua influência junto ao jornal *Correio da Manhã* e conseguiu localizá-lo e transferi-lo ictérico para o HUPE. A partir desse evento, Macu, a cada carraspana, tomava um litro de

leite puro, diretamente do saco plástico, por acreditar que este, além de curar a ressaca, protegia o seu fígado. Fé é tudo!

Ainda em 1968, discurso do Deputado Marcio Moreira Alves (MDB), cassado e condenado com o AI5 (similar, mas reverso ao caso Câmara Federal/Deltan Dallagnol, hoje!?). Para nós, da UEG, protestos com a conseqüente (ou seria “inconseqüente”?) invasão do Hospital Pedro Ernesto, que culminou com a morte e ferimento, entre outros, do Luiz Paulo da Cruz Nunes e do nosso colega de turma, José Aparecido Bianchi Lopes (Zé Bianchi, ferido no ombro). Foi durante esse sítio do HUPE que os “comfodianos” Serginho e Renato (K.B. Sá) foram presos, ao tentarem se evadir do local. De forma hilária, pularam o muro para “ir à praia” e caíram no colo do DOPS!!!

Mudei-me para Ipanema em 1969, pois, com a desistência do Márcio Ofir Carlomagno e a briga entre dois outros de seus componentes, a “república da Atlântica/Miguel Lemos” se desfez. Lá fiquei e a vida foi seguindo alegre, com altos e baixos, quando um dia recebi a proposta de formar uma nova “república” na Rua Domingos Ferreira, em Copacabana. Nasceu então o “Pardieiro”, designação dada ao apartamento pelo Celso Mieloblasto e onde passamos a morar, Miguel Macu, Moacir (estudante de pré-vestibular que, incrível!, conseguiu ser aprovado em Engenharia), José Ballester e eu. Ficamos nessa “república” até, praticamente, o final do 5º ano, quando cedemos o espaço para o Miguel e sua noiva (1ª esposa), Belisa Ribeiro, mãe do Gabriel O Pensador, morarem.

Fiz internato no HUPE e, apesar de pernoitar e manter “meus trapos” na residência (Renato Carvalho era o meu companheiro de quarto), junto com o José Ballester e o Moacir (já finalizando Engenharia

e trabalhando!), constituímos a “república da Rua 5 de Julho”, em Copacabana, que perdurou até próximo da nossa formatura, em 1973.

Coisas marcantes para mim na FCM

A cantina da D. Otília e do Sr. Arnaldo.

A compreensão, paciência e amizade do livreiro, Sr. Moysés Feldman.

A secretária Marlene Ribeiro da Silva, “que me deu carteira para não pagar inteira!”.

O casarão da esquina da 28 de Setembro com a Felipe Camarão, moradia de vários colegas, “Cabelinho” inclusive, onde eventualmente eu ia jogar cartas.

As festas do CASAF.

O “BAR do Botafogo”.

O Beira-Hospício – campinho de futebol que era margeado pelo prédio da Psiquiatria.

O Corredor da Vida – “De um lado a loucura (Psiquiatria) e do outro, a morte” (Anatomia Patológica) – caminho de passagem para o prédio da residência.

A COMFODI.

A peça “O Santo Inquérito” (de Dias Gomes), que ajudei a dirigir para ser apresentada no Festival de Teatro Universitário do Rio de Janeiro, mas que a conjuntura política do momento inviabilizou.

A “Ingrid Benedita”, Vemaguet DKW que adquiri do Carlos Eduardo da Luz Moreira (Cadu).

Os plantões do internato.

Os amores reais e platônicos.

Os nossos professores, funcionários e auxiliares de Cadeiras.

Os meus amigos e colegas, com as suas ajudas, conselhos, brincadeiras irreverentes, impossíveis de serem realizadas hoje, dado o “politicamente correto”.

Todos os fatos e atos, positivos ou negativos, alegres ou tristes, vividos na minha “Juventude UEG 68-73” que contribuíram para forjar quem sou, mas impossíveis de serem reportados *in totum* em apenas cinco laudas.

Próximo à comemoração da nossa formatura, a pedido do Raji Rezek Ajub, apresentei o que, modestamente, pensei ser a nossa Homenagem ao Cadáver Desconhecido e que há 50 anos está perpetuada no nosso convite de formatura:

Àquele sobre cujo peito não se derramaram lágrimas de saudades, sobre cuja fronte não se depositou o beijo de adeus, sobre cujo ataúde não se jogaram flores, por cuja alma não se acenderam velas, de cujo nome não se soube, de cujos brasões não se escreveu a história, mas cuja memória há de ser perpétua como a fé, eterna como a esperança, inolvidável como a saudade, grande como o altruísmo, eloquente como o seu gesto, dando tudo à humanidade que tudo lhe negara.

Tu, que tiveste o teu corpo inerte perturbado em teu repouso eterno por nossas mãos ávidas de saber, a perscrutar os mistérios do corpo humano, o nosso agradecimento e o nosso respeito.

Hoje, os avanços tecnológicos e a “Realidade Mista” (Realidade Virtual mais a Realidade Aumentada) permitem o ensino da Anatomia, com dissecções e perscrutações virtuais. No entanto, o cadáver anônimo permanece entre nós, real, a lembrar-nos da nossa finitude e pequenês diante da grandeza da Natureza. Nada obstante, viver tem valido a pena!

■ CRÔNICAS DO CINQUENTENÁRIO

Raji Rezek Ajub

Como tudo começou

Estávamos no ano de 1967 e a vida transcorria placidamente e sem sobressaltos para um jovem de 18 anos que vislumbrava a possibilidade de estudar Medicina no Rio de Janeiro.

Filhos de próspero comerciante, descendente de libaneses, tínhamos meus cinco irmãos e eu a incumbência de realizarmos os sonhos de meus pais, para quem a prioridade era estudar para nos tornar “doutores”.

Até então, toda a minha formação escolar fora realizada em escolas públicas na minha pacata cidadezinha no interior do Estado de São Paulo (Mogi Mirim). Precocemente, defini para mim mesmo que faria Medicina, preferencialmente no Rio de Janeiro, e naquele ano de 1967 me preparei para enfrentar o vestibular.

A aprovação no vestibular da FCM-UEG me trouxe uma explosão de alegria até então por mim desconhecida e sob os embalos de Travessia (Milton Nascimento), Carolina (Chico Buarque) e muita Bossa Nova, desembarco no Rio trazendo comigo todas as esperanças e sonhos da juventude.

1968 - O ano que nunca mais terminou

“De repente, vimo-nos juntos pela primeira vez, no encontro mágico e criador de uma comunidade nova. E, porque um mesmo ideal a todos animava, aqueles seres até então desconhecidos, chegados das mais diversas paragens, educados e vividos nas mais variadas formas, perceberam sua convergência como frutos de uma única árvore”.

Se existe alguma coisa que definitiva e profundamente marcou minha vida, deixando feridas abertas até hoje, foram os primeiros dois anos da faculdade. Havia, sim, o desejo consciente, fundamentado e também até “romântico” no engajamento político-estudantil do “abaixo a ditadura”, e apesar do meu despreparo ideológico até então, meu envolvimento foi inevitável.

Vivenciamos passeatas de protestos, confrontos com a polícia, prisões, torturas, feridos e mortos. Tudo muito inusitado e surpreendente, e a descoberta dessa nova realidade nos serviu como duro processo de iniciação. Na sequência dos tempos, vivíamos todos sob asa escura da insegurança e do medo nos anos mais duros da nefasta ditadura militar.

Era uma dualidade cruel. Havia o sentimento de esperança, a alegria da juventude, o futebol no Maracanã, os festivais de música no Maracanãzinho, os altos níveis de testosterona circulante aliados à liberação sexual advinda do uso liberal dos anticoncepcionais, a expectativa de que iríamos nos tornar médicos. Enfim, muita felicidade. Por outro lado, vivenciávamos os relatos de colegas presos, torturados, assassinados nos porões obscuros da polícia da ditadura. Nesse cenário de conflagração político-social, passeatas, repressão policial e grande agitação, programamos a inauguração da “estátua da liberdade” no

canteiro central do Boulevard 28 de Setembro, em frente ao HUPE. A “famigerada” estátua tinha para nós um alto significado emblemático, pois tratava-se de um PM estilizado com mais de dois metros de altura, pintado sobre uma superfície de madeira, que empunhava em sua mão direita ao alto um cacete e seu braço esquerdo abraçava a cabeça de um estudante. Tal “obra de arte” fora concebida e executada pelo “companheiro e colega” Skinner, também aluno da FCM-UEG.

Em frente ao HUPE, a 28 de Setembro foi o palco de um confronto bélico entre estudantes de Medicina munidos de pedras e policiais armados com armas de fogo que não fizeram cerimônia em dispará-las contra nós.

Saldo do confronto: um aluno baleado no crânio que após cirurgia evoluiu para êxito letal e outros sete estudantes baleados em regiões menos nobres. Bombas de gás lacrimogênio atiradas para dentro do hospital onde funcionava a enfermaria de pediatria - Hospital Pedro Ernesto sitiado (cercado pela polícia).

Este episódio nos rendeu uma punição através de uma anotação em nosso histórico escolar da qual eu pessoalmente mais me orgulho neste meu modesto e insignificante curriculum:

“No ano de 1968, todos os alunos da FCM-UERJ sofreram a penalidade de advertência”.

Por isso ontem, hoje e sempre: Abaixo a ditadura!

■ UM CONTO DE PÁSCOA

Reinaldo Motta Miranda

Ontem, véspera de Sexta-Feira Santa, recebemos o segundo boleto para pagamento de nossa cinquentenária comemoração. Que bom rever velhos amigos! No grupo do WhatsApp, os administradores nos convidavam a escrever “pequenas histórias relacionadas às nossas vidas que marcaram nossa passagem pela FCM“, nossa “*alma mater*”. São tantas histórias!

Talvez pela proximidade da Páscoa, a memória embalou lembrança que me acompanhou por toda minha vida profissional, ora como plantonista de Unidade coronariana e UTI, ora como Caronte, conduzindo as almas ao mundo dos mortos.

Não recordo a data, talvez dezembro, mês de chuvas em nosso querido e saudoso Rio de Janeiro. Plantão de Internato. Quarto no quarto andar. Em camas e beliches, descansávamos da exaustiva jornada diária. Revezávamos no atendimento de eventuais chamados das enfermarias.

Naquela madrugada, um chamado silencioso do enfermeiro, em respeito ao descanso dos colegas, acordou-me.

- Doutor, chamada na enfermaria cirúrgica!

Prontamente, dirigi-me ao quinto andar. O silêncio do longo corredor que levava ao elevador era interrompido pelo ruído da chuva fina que caía e algum gemido de paciente internado. Ao chegar, somente a suave iluminação da central de enfermagem permitia o trabalho das

dedicadas auxiliares, checando horários das prescrições e administração dos medicamentos. Os leitos estavam na penumbra. Uma enfermeira, veterana auxiliar querida por todos, recebeu-me gentilmente com o prontuário do paciente nas mãos. Passou-me o relatório do controle dos dados vitais que estavam estáveis e a prescrição médica. Informou que se tratava de um paciente de meia idade com neoplasia terminal, traqueostomizado e que negava qualquer sintoma, mas queria falar com um médico.

Na beira do leito, constatei as informações. O paciente, caquético, com um vago olhar, aguardava a presença solicitada. Estendeu-me sua mão direita, que acolhi carinhosamente, sentindo uma leve pressão de seus dedos. Perguntei se apresentava algum sintoma e como poderia ajudá-lo. Lentamente, pegou uma gaze que estava em sua mão esquerda, levou-a à cânula da traqueostomia e emitiu com dificuldade palavras que a princípio não entendi. Solicitei que repetisse, aproximando-me de seu rosto. O que ouvi deixou-me paralisado.

- Doutor, acaba logo com isso!

Recuperando-me, entendi seu desejo. Devo ter faltado a essa aula, pois não sabia o que dizer. Segundos passaram na conversa de olhares. Delicadamente, dissertei que estudava para prolongar a vida, e não abreviá-la. Além disso, não saberia como fazê-lo. Passado um tempo, que foi uma eternidade, soltando minha mão, encarou-me severamente, sinalizando com a mão direita e obstruindo novamente a cânula com a mão esquerda, ouvi claramente sua ordem imperativa:

- Vai embora, vai embora!

Impotente, balbuciei algumas palavras que não foram ouvidas, pois virou sua cabeça e encerrou nossa conversação. Devolvi o prontuário à enfermagem, escondendo as lágrimas que escorriam

de meu rosto. Assim, chorando retornei ao quarto. Meu pranto, no percurso, misturava-se ao som da chuva, agora tempestade com raios e trovões que iluminavam minha alma. Não pude deixar de pensar que alguém, naquela madrugada, entregou-me o poder sobre a vida e a morte. Aquela madrugada reafirmou meu desejo de infância. Tornar-me um médico!

Hoje é Páscoa! Senti a plenitude do significado do renascimento e segui meu caminho. Em breve, reverei todos os colegas e compartilharemos histórias. Tantas histórias!

Há tantas espécies de alegria, tristeza e desejo e, conseqüentemente, tantas paixões, que dessas são compostas, como a flutuação da alma, ou derivadas dela como o amor, o ódio, a esperança, o medo etc., quantas espécies de objetos pelos quais somos afetados. Baruch de Spinoza, *Ética*, proposição LVI.

Que bom rever velhos amigos!

Termino este conto com as mesmas lágrimas que me acompanharam pela vida.

Vinhedo, 9 de abril de 2023, domingo de Páscoa

■ ANOS REBELDES

Renato Brito de Alencastro Graça

A entrada na faculdade traz uma grande mudança na vida de um jovem. Comigo não foi diferente. Do pacato e passivo comportamento de um aluno de um Colégio Militar, mudei subitamente para uma nova realidade de manifestações, protestos e reivindicações que se multiplicavam pelo mundo, naquele famoso ano de 1968. Foi um choque para um moleque de 18 anos, acostumado a obedecer sem reclamar, de repente passar a conviver na universidade com outros jovens que, com união, vontade e idealismo, conseguiam externar pensamentos e avançar em suas conquistas. Este é o preâmbulo para contar como conseguimos um ginásio de esportes para os alunos da Faculdade de Ciências Médicas.

No primeiro ano da escola, queríamos logo começar a aprender tudo, dissecar cadáveres, conhecer todo o tipo de célula e devorar o conhecimento. Ao invés disso, logo no primeiro mês, estávamos dentro de uma greve para ter um vestiário. O motivo foi a ordem do diretor, obrigando os alunos a usarem jalecos brancos, mas não havia um local para a troca de roupa. A maioria da estudantada andava de ônibus e precisava de um canto decente com um armário para deixar sua roupa. Uma assembleia decidiu pela greve até que um vestiário fosse construído. De imediato nada aconteceu, mas depois de os alunos invadirem a sala do diretor, pendurando as roupas no seu cabide, na

cadeira e na estante, logo se alcançou a vitória do movimento. E um vestiário foi construído para os alunos.

Eu, que nunca tivera coragem de chegar perto da sala do general diretor do Colégio Militar, fiquei comparando a diferença da minha vida, antes e durante a universidade. No colégio, seria preso ou expulso. Na faculdade, vi que reivindicar funcionava. Foram essas as primeiras lições que tivemos na Medicina. E comecei a aprender que devemos lutar por nossas convicções.

Entre uma e outra greve, íamos levando a primeira série. Uns estudando, outros se dedicando ao movimento estudantil, outros à música, outros curtindo o ócio, outros jogando bola. Por eu ser dessa turma da bola, logo o pessoal do CASAF – Centro Acadêmico Alexander Fleming – me deu um cargo na Atlética. Nesse tempo, fazíamos bons jogos no campo do Confiança, e jogávamos umas peladas brabas num campinho de terra, com árvores no meio, que ficava atrás das casas da Psiquiatria. Nessa época, foi inaugurado no Rio Grande do Sul o estádio Beira-Rio, que fica na margem do rio Guaíba, em Porto Alegre. Nosso campinho de pelada, por analogia, ganhou o nome de Beira-Hospício. Fizemos até campeonatos lá. O time do Pineschi foi vice-campeão.

Na minha gestão como presidente da Atlética conseguimos, junto à direção, que fosse retomada uma obra para concluir o ginásio de esportes para os alunos. Existia uma construção inacabada que não servia para nada. Com a ajuda de Claudio Agápio, Edson Passos, P.C. Fontes, Augusto e outros, conseguimos nosso objetivo. Um ginásio coberto para futebol de salão e vôlei foi concluído, entre o Beira-Hospício e o vestiário. A localização era ótima, porque era próximo ao vestiário para o banho e porque era ponto de passagem de muitos

alunos. Assim, qualquer pelada logo teria *quórum*. Ficamos muito felizes com essa outra lição, que aprendemos com luta, trabalho e união.

Uma vez pronto o ginásio, começamos a pensar na inauguração, comprar balizas, postes para voleibol e planejar torneios, de alunos, de alunas, de professores, de funcionários e de todos juntos e misturados. Muitas propostas iam chegando, o dia de começar estava próximo e o entusiasmo era crescente. Quando estávamos quase atingindo o clímax, uma grande decepção. Um dia, o ginásio apareceu com as portas trancadas. Olhamos pelas frestas e vimos lá dentro um caixote imenso. Enquanto procurávamos explicação com os responsáveis, outros caixotes foram lá colocados também. A primeira informação era de que em uma semana o ginásio estaria liberado sem os caixotes. E que esses caixotes eram importantes equipamentos adquiridos pelo professor Jayme Landmann para o hospital.

Na semana seguinte nada mudou – aliás, mudou para pior. Chegaram mais caixotes. Fomos então pedir explicações ao dr. Landmann. Ele, com o seu conhecido autoritarismo, mandou que esquecêssemos o ginásio. Os caixotes dele não iam sair daquele novo almoxarifado. Uma grande decepção para nós. Um erro estratégico do professor, que, tido como um simpatizante do regime militar, deveria ter pensado melhor e raciocinado que, enquanto um estudante estivesse jogando bola, não estaria pensando em passeata para derrubar a ditadura.

Não nos abatemos como um aluno de colégio. Éramos já universitários rebeldes. Pensamos em táticas de resistência. Cogitamos assembleias estudantis, mas estas já estavam preocupadas com problemas de escalão nacional mais alto, como repressão e prisões. Nossa luta para reabrir um ginásio não cabia no programa político. Resolvemos agir por nossa conta. Marcamos uma audiência com o Reitor da

UEG, João Lyra Filho. A reitoria ficava em Laranjeiras. Lá fomos - eu, Agapio e Edson – conversar com o Magnífico, que descobrimos ser um entusiasta do esporte e ex-presidente do Botafogo. A receptividade não podia ter sido melhor depois que nos identificamos, os três, como botafoguenses, bicampeões cariocas. Os outros dois não eram. Ele ficou surpreso com a atitude do diretor, nos tranquilizou e garantiu a abertura do ginásio. De quebra, ele, que conhecia bem as leis, viu que no estatuto da UEG havia uma verba destinada a equipamentos esportivos. Voltamos de lá com uma autorização para compra de uniformes para os times da FCM, bolas, redes e até raquetes e bolas de tênis de mesa para o CASAF.

Na semana seguinte, o diretor teve de procurar um novo endereço para os seus caixotes. As lições de idealismo, reivindicação, protesto, manifesto e união tinha sido aprendidas por nós. Conseguimos o nosso objetivo. O ginásio, ao qual demos o nome de Munir Rafful, foi inaugurado logo depois com um jogo de voleibol entre a FCM e a Medicina e Cirurgia. Na plateia, uma única autoridade estava presente, João Lyra Filho. Cortou a fita, deu sorrisos aos botafoguenses, assistiu o primeiro *set* e saiu. Antes de partir, mandou um abraço para o professor Landmann.

■ UMA TRIBO CHAMADA COMFODI

*Renato Graça, José Ballester, Paulo Cesar Fontes,
Reinaldo Motta Miranda, Augusto César Araujo*

Depois de um vestibular duríssimo, nós, calouros de primeiro ano da faculdade, fomos reunidos numa grande turma composta de diversos desconhecidos. Era natural que, aos poucos, lentamente, os assemelhados fossem procurando seus pares, formando grupos, ou como se dizia na época, suas tribos. Assim, foram se juntando os nerds, os paulistas, os piauienses, os goianos, a turma da Tijuca, o pessoal do futebol e outros. O pessoal da bola foi logo identificado, para participar do jogo dos calouros no campo do Confiança, na rua Silva Telles. O evento promovido pelo CASAF era patrocinado pelo livreiro Moysés. Lá estávamos Cagápio, Edson Cocô Parrudo, Renato Cabeça, Fernando Maluco, PC, Augusto Mikimba, Serginho, Renato Carvalho e Azzini.

Com o tempo, foram se aproximando Dino, Celso Mieloblasto e Toninho. Depois, também foram agregados Miguel Macunaíma, Zé Ballester e Rogerio Magro, que moravam juntos. E assim estava formada a tribo COMFODI, cuja razão do nome explicaremos mais adiante. Aqui nestas páginas, escritas por múltiplas mãos, vamos contar algumas histórias deste Clube do Bolinha, machista, formado por 15 homens que se sentavam na última fila da sala de aula, e que achavam que depois de passar um ano de vestibular mergulhado nos livros, agora era hora de sombra e água fresca.

Naqueles dias confusos do primeiro ano, entre uma greve e outra, o curso ia fluindo mais ou menos. O movimento estudantil contra a ditadura era bem forte na FCM, mas a turma do esporte era menos engajada. Afinal, pão e circo acalmam as revoltas. Outros, mais politizados, estavam envolvidos no diretório acadêmico. Nós, do esporte, nos aproximamos do CASAF, assumindo a Atlética, que organizava a presença da FCM nos torneios universitários. O grupo aproveitava bem os momentos de ócio, praticando muitas atividades, menos estudar. Ficávamos a inventar apelidos, criar musiquinhas, planejar pegadinhas, enfim, perturbar o sossego alheio. Éramos vistos pelos colegas como sendo uma turma da pesada. Acho que nessa época inventamos o *bullying*. Anos depois, Renato conta que ouviu da sua futura mulher, Regina, que os alunos preferiam usar caminhos alternativos na faculdade a ter de cruzar conosco. De vez em quando, a rotina mudava quando chegava a época de provas.

Passados os anos, o entrosamento do grupo foi aumentando e passamos a nos ver o dia inteiro. De dia, na faculdade, no ginásio de esportes, no Beira-Hospício, no bar do Botafogo ou no salão de sinuca da rua São Francisco Xavier. Um dos pontos de encontro era a cantina de Otilia e Arnaldo, dentro do CASAF. De noite, o grupo se via no Pardieiro, famosa república na rua Domingos Ferreira, habitada por Rogério, Miguel e Zé Ballester, em algum bar das redondezas ou num plantão do Hospital de São João de Meriti, hospital-escola extraoficial do professor Agenor Binato. No fim de semana, os encontros prosseguiram cada vez mais. Momentos inesquecíveis foram vividos naqueles dias, cheios de histórias boas para recontar aqui.

Em 1970, na época da Copa do Mundo, como era costume, apareceram vários bolões esportivos, em que era necessário acertar o resultado das partidas. Fez muito sucesso um bolão criado por PC e

Augusto, que vendeu muitas apostas, arrecadando uma bela quantia. O vencedor levaria tudo. Os jogos foram se sucedendo e a aposta feita pelo livreiro Moysés vinha liderando. Os dias passando e o líder se confirmando. De repente, na última semana, outro apostador, o Antônio Carlos, acertou todos os placares dos últimos jogos e venceu o bolo, sozinho. Um verdadeiro milagre de última hora. Algumas semanas depois, recebemos fotos e um postal de Bariloche, assinado por PC, Augusto e Antonio Carlos, agradecendo aos apostadores pelas férias gratuitas.

Nessa viagem à Argentina, ao cruzar a fronteira no Chuí, na guarita havia um cartaz que estava em todo o país mostrando os procurados pela polícia política, em função do sequestro do embaixador americano Charles Elbrick. Ao notar a fotografia do nosso amigo João Lopes Salgado, havia uma cruz sobre a foto e fomos informados de que aqueles com a cruz haviam morrido. Algum tempo depois, após o jantar no hospital, ao atravessar a Av. 28 de Setembro para tomar um café no bar do Botafogo, parou um táxi na frente ao Mikimba e o passageiro no banco traseiro disse: “Augusto, entra aí!” Então, com o dedo em riste para que eu não falasse seu nome, começou a perguntar dos colegas e dizia a saudade que sentia de todos. Fomos conversando até ao Colégio Militar, quando pediu para o motorista parar e falou para Augusto descer. Este ficou em choque, porém feliz ao saber que nosso colega Salgado estava vivo.

Aí pelo terceiro ano da faculdade, a nossa turma de 1973 começou a planejar a formatura, com criação de comissão, escolha de orador, paraninfo e outras homenagens. Nenhum nome da turma da barra pesada fazia parte da organização. Não sei se por isso ou por não simpatizar com as pompas, ou por qual motivo, nosso grupo optou pela

dissidência. Foi então criada a Comissão de Formatura Dissidente – COMFODI – que era composto pelos mesmos 15 citados no primeiro parágrafo. Deu algum resultado e passamos a ter um nome de batismo, mas na prática não conseguimos organizar nenhuma formatura. Nem queríamos. Queríamos, sim, mostrar rebeldia, e sermos diferentes do usual. O nome fez sucesso. Criamos o Coral da COMFODI, que ensaiava músicas no pátio da faculdade. Criamos o famoso hino da COMFODI, música sempre cantada a cada cinco anos nas nossas festas comemorativas: *COMFODI fode / comfodi bem / confuderemos / você também*. Outros ícones do cancionário universitário foram compostos como a Melodia do Pinguelo: *Marlene / minha carteira / estou cansado / de pagar inteira / pinguelo dentro / pinguelo fora / tira o pinguelo / que eu já vou embora*.

A criação da COMFODI veio na época em que as turmas eram divididas em pequenos grupos, facilitando nosso encontro diário. Já mais perto do final do curso, o tempo da diversão foi diminuindo e a responsabilidade começou a pesar nas nossas costas. Aos poucos, fomos nos dedicando mais aos estudos. Renato e Dino obtiveram o primeiro lugar da prova da SUSEME em 1972, e, por causa da (má) fama do grupo, poucos acreditaram que podia ser verdade. Depois, nas nossas especialidades, muitos se destacaram na carreira médica. Ficamos bastante unidos, enraizando uma amizade que perdura por mais de 50 anos. Apesar do propósito de dissidência da tribo, à época de formatura, não houve nenhuma divisão. O grupo aderiu ao nosso orador Raji, aprovou as homenagens, participou das cerimônias, das festas e colamos grau juntos em 9 de dezembro de 1973, naquela que viria a ser a última formatura realizada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A única dissidência foi uma viagem que a COMFODI

inteira realizou um mês antes da formatura. Fomos a Guarapari festejar, beber e comer camarão durante uma semana.

Este capítulo é dedicado à memória de Fernando Marcio Reis de Oliveira, Miguel Matoso Contino, Celso Melo Bastos e Antonio José Lobo de Melo.

■ RASURAS E COSTURAS DE UMA ÉPOCA DA MINHA VIDA

Suzana Lea Guttman Mariani Bittencourt

Tenho tentado me sentar para escrever minhas memórias sobre a faculdade e sou atacada por uma síndrome comum para quem está fazendo um jubileu – ou seja, esqueço, confundo e não sei por onde começar.

Vamos lá – foi um vestibular separado para cada universidade, eu me inscrevi nas duas mais conhecidas. Não passei na Biologia da Nacional (faltou um décimo) e passei uma semana estudando só Biologia. Passei! Mas entrei graças a minha nota em línguas. A primeira coisa que lembro então foi uma colega me criticando por ter sido classificada por conta da nota em línguas. Fiquei chocada de ver uma pessoa se preocupar com meu histórico!

Como Sandra e Stella também tinham passado, fiquei mais aliviada, teria pelo menos as duas amigas comigo. Ah, ainda tinha Daniel, amigo de toda vida, morávamos no mesmo prédio desde sempre, estudamos no Pedro II, estudamos juntos para o vestibular e ainda passamos para a mesma faculdade.

Assim que entramos encontrei Tenório e Gilberto, amigos de praia em Copacabana, e eles me colocaram a par do que estava acontecendo no movimento estudantil.

Logo depois, as aulas foram suspensas. Foi um período muito conturbado, difícil, e não tenho muito claro quanto tempo se passou sem aulas.

Comecei a namorar Emilio, e lembro que estávamos no bar em frente ao Hospital quando aconteceu o incidente mais grave. Vimos o camburão dando marcha a ré, começar a atirar, lembro que uma bala pegou na placa do bar e eu ainda achando que era de festim, quando Emilio me arrastou para a entrada lateral, por onde todos estavam entrando. Foi um horror! Ainda me lembro de estar ajudando a tirar pacientes da Cardiologia pelo corredor com gás lacrimogênio, e toda a confusão instalada. Luiz Paulo sendo operado (eu conheci ele e a Angela, namorada dele no trote e ficamos amigos).

O período seguinte foi muito tenso, vários acontecimentos me marcaram. Um deles foi a prisão do Claudio Campos e a prisão relâmpago da Rita.

Quanto às matérias vou ser mais sucintas, já que foram várias histórias. Eu gostava de Histologia, fiquei amiga do Alexandre Maia, que era preceptor da cadeira e a quem apresentei Stella, que acabou casando com ele e tendo dois filhos. Basófilo era um professor bem legal, e na primeira prova, quando retornamos da greve, tentou me ajudar a não entregar a prova em branco, mas eu estava muito mobilizada com todos os acontecimentos e não conseguia nem me concentrar.

Os anos foram passando, Sandra sempre foi minha amiga mais próxima (éramos amigas desde os 12 anos de idade), íamos juntas no carro dela ou às vezes eu ia no meu Fusca.

No terceiro ano comecei a namorar Luiz Clemente, conhecido como Mariani. Eu já conhecia o Virgílio, mas acabei ficando muito amiga dele e da Regina, mulher dele.

Lembro alguns professores que eu admirei muito – um deles o Ítalo Suassuna, e lembro um episódio numa aula dele. Havíamos tido que fazer um trabalho e o meu foi sobre penicilinas semissintéticas. Eu tirei dez no trabalho e ele resolveu que eu daria aquela aula. Ocorre que, apesar de as pessoas não perceberem, sempre fui muito tímida. Pedi muito que não fizesse isso comigo, eu não conseguiria concatenar as ideias perante um mundo de pessoas (era assim que eu via a situação) mas ele insistiu... e após alguns minutos da minha apresentação mandou-me sentar e continuou a aula. Pensem na confusão que eu devo ter feito.

Outra coisa que lembro, engraçada, é que Sandra e eu sempre assinamos uma pela outra quando uma não ia à aula. E as secretarias sempre se confundiam com nossos nomes!

No quarto ano, conheci o Dr. Amadeu, e fiquei amiga dele. Ele me ajudou bastante em aprender como valorizar informações de pacientes na anamnese.

Conheci Aluisio Amancio, que foi outro grande amigo que me incentivou a gostar de cerveja! Nas tardes de ambulatório, íamos sempre ao Botafogo no final da tarde. Ele criou um grupo para discutir as teorias de Balint, tínhamos reuniões semanais e eu fui ficando mais interessada na Psicologia. Já nessa época, comecei a pensar em Psiquiatria. Fui me chegando mais perto, indo fazer um estágio no Pedro II, no Engenho de Dentro. Mas a morte de uma paciente por edema agudo de pulmão no Pedro II me chamou a atenção de que eu deveria estudar Clínica Médica antes de qualquer outra coisa. Fiz o internato em Clínica muito movida por isso.

No sexto ano, já no Internato de Clínica, casei-me no meio do ano e tive uma licença para a lua de mel. Na volta, Luiz Clemente

foi chamado pelo British Council para se apresentar em Londres uma semana depois que chegamos da viagem. Ele foi, eu fiquei para terminar o Internato.

Em outubro ele se instalaria em Londres, então pedi ao Virgílio para me dar uma semana de folga para estar com ele. Na volta, soube que alguns colegas tinham se irritado por eu ter sido agraciada com mais essa licença. Novamente me surpreendi com essa atitude.

Finalmente, em dezembro, nos formamos e eu fui embora uma semana depois. Fiz a Residência em Psiquiatria em Londres, foi uma experiência muito rica. E ainda tive minha primeira filha lá.

Sempre procurei ser amiga de todos. Posso dizer que fiquei amiga de uma grande parte da turma.

Quanto ao legado que a faculdade me deixou, só boas lembranças. E o caminho que trilhei na carreira médica, fruto de todo meu aprendizado, só me trouxe alegrias. Faria tudo outra vez!



LISTA DE FORMANDOS

ADAIL IVAN DE LEMOS
AILTON REGO DOS SANTOS
ALAN DA ROSA PITTHAN
ALDEMIR FERNANDES FILHO
ALEXANDRE ABRAHÃO NETO
ALTINO BESSA MARQUES
ALVARO THADEU ARAUJO MAIA DE CARVALHO
ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS NOGUEIRA
ARNALDO PINESCHI DE AZEREDO COUTINHO
ARNALDO ROSIELLO
ARTHUR DO PRADO TEIXEIRA
AUGUSTO CESAR DE ARAUJO
CARLOS ALBERTO ALBUQUERQUE MARANHÃO
CARLOS ALBERTO DA SILVA
CARLOS AUGUSTO JALOTO REGO
CARLOS DA COSTA PEREIRA
CARLOS EDUARDO DA LUZ MOREIRA
CECIL WALL BARBOSA DE CARVALHO FILHO
CLAUDIO AGAPIO DE AQUINO
CLAUDIO BARROS CHAVES
CLODOMIR COPPIO JUNIOR
DAISY DA CUNHA
DALVA BARRETO
DIRCEU PAES
EDELMIRO TORRES PEREZ
EDSON MELO ROCHA
EDSON PASSOS RIBEIRO
EMILIO PEDUTI BATISTA
FLAVIO TANNURE
FRANCISCO BARBOSA NETO

FREDERICO PAZ GENUINO DE OLIVEIRA
GERSON LUIZ COSTA
HUGO HIGA GAKIYA
IGNEZ ZITA QUARESMA DO AMARAL
INGRID CHAVEZ MORAES RICHÁ
JOÃO CARLOS DE OLIVEIRA
JORGE ALBERTO DACAL MENDES
JORGE DE ALBUQUERQUE CAVALCANTE
JOSE APARECIDO BIANCHI LOPES
JOSÉ AUGUSTO DA SILVA MESSIAS
JOSÉ BALLESTER RODRIGUEZ
JOSE CARLOS DE BARROS CACHAPUZ
JOSÉ GERALDO SIMÕES FLORIO
JOSE LUSTOSA DE PINHO FERREIRA
JOSE ROBERTO SPOSITO
LEANDRO ARAGÃO GUIMARÃES
LELIS BORGES DO COUTO
LIU FAT KAM
LUIZ AUGUSTO BRITES VILLANO
LUIZ AUGUSTO HENRIQUE MELKI
LUIZ FRANCISCO AZZINI
LUIZ GUILHERME FRONER
LUIZ SERGIO COUTO E SILVA
LUZER DAVID MACHTYNGIER
MARCELO GONÇALVES DE ABREU
MARCO ANTONIO ALVES BRASIL
MARIA DO CARMO QUINTELLA VISCONTI
MARIA DO SOCORRO FROTA BACELAR MARTINS
MARIA ISABEL MARQUES TEIXEIRA
MARILIA DE BRITO GOMES

MARIO ROBERTO DAL POZ
MARIO ROGERIO CARDOSO
MARLI DE OLIVEIRA E SILVA
MARLUCE MORAIS DE SOUZA
MAURICIO KHADDOUR
MAURO DE ANDRADE DALTRO RODRIGUES
NELSON YUZO IGUCHI
NEVIO EDENIR COLA
OLAVO AMORIM JUNIOR
OTELO CORRÊA DOS SANTOS FILHO
PAULO CESAR SILVA FONTES
PAULO SERGIO TEIXEIRA DE CARVALHO
PEDRO LOBIANCO
RAIMUNDO NICIOLI QUEIROZ
RAIMUNDO NONATO SILVA MENDONÇA
RAJI REZEK AJUB
REINALDO DA MOTTA MIRANDA
RENATO BRITO DE ALENCASTRO GRAÇA
RENATO CARVALHO
RICARDO ONOFRE DA ROCHA
RITA HELENA SALES ARAUJO
ROBERTO HORTAS MAZZEI
ROBERTO KAIRALA
SALOMAO ASSIS GERECHT
SEBASTIÃO RESENDE FILHO
SERGIO COSTA DE ALMEIDA
SÉRGIO FONSECA DA CUNHA
SHIGERU TAKAI
SIDNEY SEPULVEDA DOS SANTOS
SILVIA BENTO DE MELLO MIRANDA

STELLA CECILIA GRAULT SCHNOOR
STELLA DUTRA MARIZ
SUZANA LEA GUTTMAN MARIANI BITTENCOURT
TANIA CASTRO SOUZA
TANIA GARCIA LEAL
TEREZA CRISTINA RIBEIRO GADELHA SIMAS
THADEU DE VASCONCELOS LUCCHESI
VALNY LAURINI
VALTER DUARTE FERREIRA FILHO
VERA LUCI CARNIATO
VERA LUCIA DE VASCONCELLOS PRATA
VINCENZO BIAGIO MAGLIANO
WALDELUIR DUBLIM SACCHETIN
WILSON CORREA DA SILVA

IN MEMORIAM:

ARNALDO CALDEIRA BRANT
ANTONIO JOSÉ LOBO DE MELLO
ANTONIO CARLOS KLEIS
ANTONIO DE PADUA PEIXOTO TEIXEIRA
AUGUSTO RUTLEDGE JUNIOR
BENJAMIN MANDELBAUM
CARMEN MARAVALHAS
DANIEL LEVY
DALTON MELO ANDRADE
ELIANE QUESADA PARENTE
ERWIN KEUPER
EDISON ARRUDA

FERNANDO MARCIO REIS OLIVEIRA
HELENICE HIDEKO KATAYAMA
HERMOGENES PETEAN FILHO
JOSE ROBERTO DE ARAUJO
JUAREZ PINHEIRO OLIVEIRA
JURANDY FERREIRA
LEOPOLDO HUGO FROTA
MIGUEL MATTOSO CONTINO
MONICA ARANDA FLAMINIO
NEIDE VIEIRA DINIZ
PEDRO SOARES BANHARA
SANDRA CUNHA ALVES MAIA
TANIA MARIA CORREIA
TUBY DOLIVEIRA
VALDEVINO VIEIRA
VALDENIR SCARANELLO
WELMA SIBONEY RODRIGUES FRANCO



GALERIA DE FOTOS

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Festival do Chopp
(1973)



A Comfodi no casamento
do Claudio Agapio

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Villano, Benjamin (*in memoriam*),
Marlene (eterna secretária
acadêmica), Carlos Alberto e Ricardo

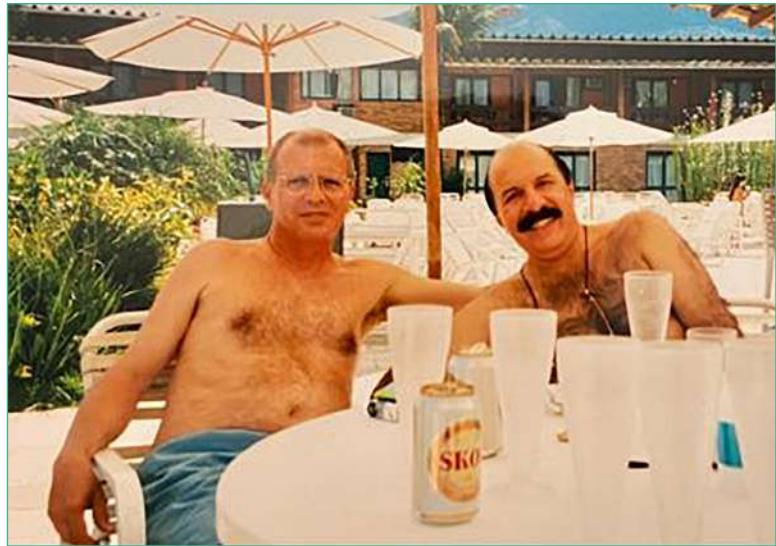


Churrascaria - FCM
(1973)

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Colegas no casamento do Renato



Carlos Eduardo e Raji

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Chico, Regina Ceara e Virgilio

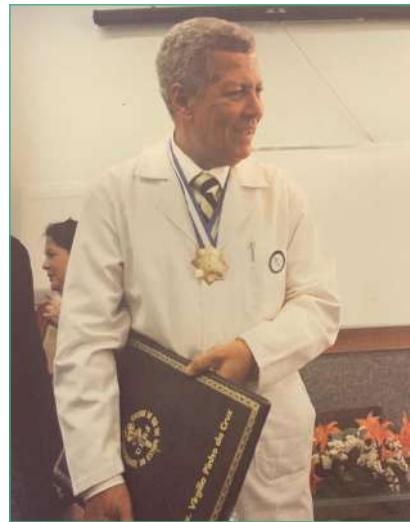


Claudio, Dino, Renato
e Edson

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Dino (por Mauricio)



Virgilio Pinho da Cruz

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Feliz 2014



Carlos Eduardo, Dalton, Cecil,
Kairala, Ricardo Onofre, Kleis e
José Roberto

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Dal Poz, Kleis, Ricardo, Dalton,
Carlos Eduardo, Kairala, Reinaldo e
José Roberto



Carlos Eduardo, Xaxá e Zelinda

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Cadu, Xaxá, Marcelo e Petean



Festa dos 40 anos em
Vassouras

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Edson, Renato Carvalho, Cadu,
Chico e Cabelinho



Reitor João Lyra Filho

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Vista aérea do HUPE e FCM. A seta assinala o ginásio de esportes (em azul)

Time do primeiro ano médico, no campo do Confiança Atlético Club, na rua General Silva Teles.

Em pé: Mauricio Khadour, Carlos Alberto Silva, Luiz Azzini, P.C. Fontes, João Carlos “Teté” de Oliveira, José Geraldo “Xaxá” e Augusto Cesar.

Agachados: Juarez, Claudio Agapio, Edson Passos, Pedro Lobianco e Renato Graça



50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Time de vôlei feminino

8 – Jane Corona
4 – Vera
12 – Monica
10 – Ines Zita
11 – Suzana
7 – Angela (turma 72)
Técnico – Marcos Primo da Silva.

Time campeão universitário de voleibol de praia. Em pé: Marcos Primo (técnico), Renato Graça, Tadeu (curso biomédico), Edson Passos e Gilberto Ramos (turma 1972). Abaixados: Cecil Wall, Roberto Bassan (turma 1971) e Claudio Agapio



50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Antonio Carlos Kleis (*in memoriam*)



Antonio de Pádua Teixeira (*in memoriam*)

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Antonio José Lobo de Mello (*in memoriam*)

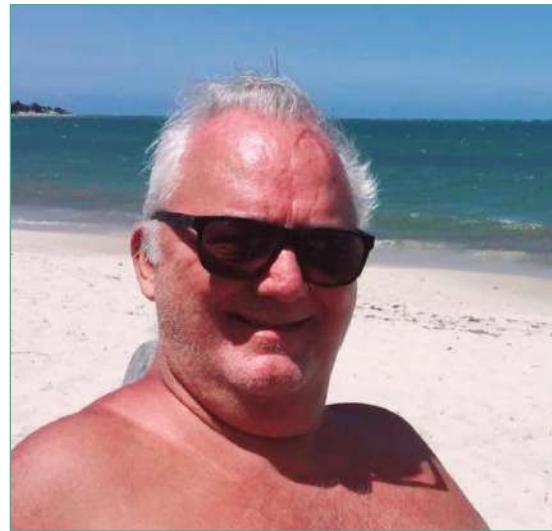


Benjamin Mandelbaum (*in memoriam*)

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Dalton, Valdenir (Cabelinho) e Daniel (1983) (*in memoriam*)



Dalton Melo Andrade (*in memoriam*)

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Daniel Levy (*in memoriam*), Marcelo,
Nádia Regueira (*in memoriam*) e Emilio Pedutti



Daniel Levy (*in memoriam*)

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Erwin Keuper (*in memoriam*)



Fernando Marcio Reis Oliveira com
Marcelo Abreu (1983) (*in memoriam*)

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Helenice Hideko Katayama (*in memoriam*)



Helenice Katayama (*in memoriam*) e
Marli de Oliveira Silva – grandes amigas

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Hermogenes Petean Filho (*in memoriam*)

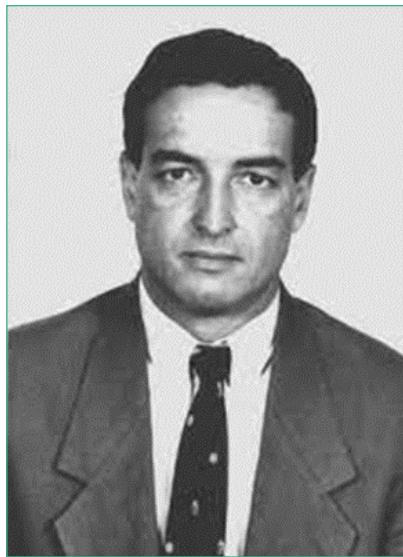


José Roberto Araujo (*in memoriam*)

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Juarez Pinheiro Oliveira (*in memoriam*)



Leopoldo Hugo Frota (*in memoriam*)

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Miguel Mattoso Contino (*in memoriam*)



Monica Aranda Flaminio (*in memoriam*)

50 ANOS DE FORMATURA DA TURMA DE MEDICINA (1973-2023)



Tania Maria Correa (*in memoriam*)



Valdenir Scaranello (*in memoriam*)

